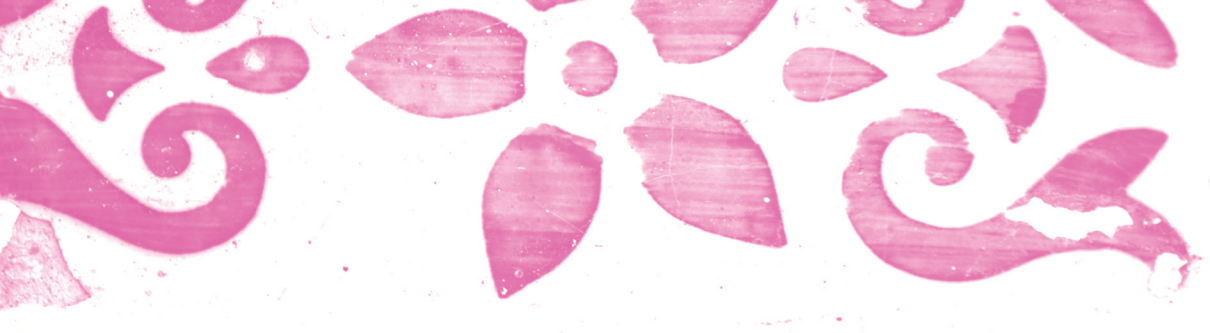




# **A crônica feminina na imprensa paraibana**

**- trajetórias, escritas de si e cotidiano -**

Maryellen Bãdãrau  
Sandra Raquew Azevêdo

# **A crônica feminina na imprensa paraibana**

- trajetórias, escritas de si e cotidiano -



**Reitor**  
**Vice-reitora**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

VALDINEY VELOSO GOUVEIA  
LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE



**Editor**  
**Coordenadora de editoração**  
**Revisora gráfica**  
**Revisor de pré-impressão**  
**Chefe de produção**

**EDITORIA UFPB**

REINALDO FARIAS PAIVA DE LUCENA  
SÂMELLA ARRUDA ARAÚJO  
ALICE BRITO  
WELLINGTON COSTA OLIVEIRA  
JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

**Conselho editorial**

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)  
Eliana Vasconcelos da Silva Esval (Linguística, Letras e Artes)  
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)  
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)  
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)  
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)  
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)  
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)  
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

**Conselho científico**

Maria Aurora Cuevas-Cerveró (Universidad Complutense Madrid/ES)  
José Miguel de Abreu (UC/PT)  
Joan Manuel Rodríguez Diaz (Universidade Técnica de Manabí/EC)  
José Manuel Peixoto Caldas (USP/SP)  
Letícia Palazzi Perez (Unesp/Marília/SP)  
Anete Roese (PUC Minas/MG)  
Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL/MG)  
Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti (Unesp/Marília/SP)  
Leilah Santiago Bufrem (UFPR/PR)  
Marta Maria Leone Lima (UNEB/BA)  
Lia Machado Fiuza Fialho (UECE/CE)  
Valdonilson Barbosa dos Santos (UFCC/PB)

**Editora filiada à:**



Maryellen Bãdãrãu  
Sandra Raquew Azevêdo

# **A CRÔNICA FEMININA NA IMPRENSA PARAIBANA**

Trajetórias, escritas de si e cotidiano

João Pessoa  
Editora UFPB  
2020

Direitos autorais 2020 – Editora UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

**Projeto gráfico**  
**Editoração eletrônica**  
**e design de capa**  
**Imagem da capa**

Editora UFPB

Ana Gabriella Carvalho

Imagem manipulada a partir de fotografia de Karla Noronha

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

B132c      Bãdărău, Maryellen.  
A crônica feminina na imprensa paraibana: trajetórias, escritas de si e cotidiano / Maryellen Bãdărău, Sandra Raquew Azevêdo. - João Pessoa: Editora UFPB, 2020.  
  
109 p. : il.  
  
Recurso digital (1,5MB)  
Formato: PDF  
Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader  
  
ISBN 978-65-5942-048-3  
  
1. Jornalismo – Mulheres - Paraíba. 2. Imprensa paraibana. 3. Representatividade feminina. 4. Crônicas. I. Azevêdo, Sandra Raquew. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070-055.2(813.3)

**EDITORA UFPB**

Cidade Universitária, Campus I, Prédio da editora Universitária, s/n  
João Pessoa – PB

CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br>

E-mail: [editora@ufpb.br](mailto:editora@ufpb.br)

Fone: (83) 3216.7147

À minha família por tanto investimento e dedicação a mim.  
A Tiago Oliveira por todo amor e cuidado, imprescindíveis.  
À Sandra Raquew Azevêdo pelo carinho e direcionamento durante minha jornada acadêmica. À Sandra Regina Moura e Marcella Machado pela parceria na academia e na vida.

*Eu escrevo para criar um mundo no qual possa viver. Procuro criar um mundo como se cria um determinado clima, uma atmosfera onde eu pudesse respirar.*

**Anayde Beiriz**

---

# Sumário

|                                                                              |            |
|------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Introdução</b>                                                            | <b>8</b>   |
| <b>1 Surgimento e desenvolvimento da crônica no jornalismo</b>               | <b>10</b>  |
| 1.1 A crônica na imprensa e no jornalismo brasileiro                         | 15         |
| 1.2 Atuação e representação feminina na crônica brasileira                   | 21         |
| 1.3 A crônica na imprensa paraibana                                          | 23         |
| <b>2 A presença feminina na imprensa paraibana</b>                           | <b>31</b>  |
| 2.1 A escrita da história das mulheres na imprensa                           | 37         |
| 2.2 O lugar de fala e representação da escrita feminina                      | 44         |
| 2.3 A crônica e a expressão subjetiva do feminino                            | 50         |
| <b>3 Ana Adelaide Peixoto e a semiótica dos espaços</b>                      | <b>55</b>  |
| <b>4 Joana Belarmino em trânsito: Jornalismo, ciberativismo e literatura</b> | <b>71</b>  |
| <b>5 Vitória Lima, a palavra e outras artes</b>                              | <b>85</b>  |
| <b>Considerações</b>                                                         | <b>98</b>  |
| <b>Referências</b>                                                           | <b>100</b> |
| <b>Sobre as autoras</b>                                                      | <b>108</b> |

---

## Introdução

Desde a sua fundação, a imprensa brasileira passou por muitas transformações, seja em relação à produção da notícia, modificações estruturais nos jornais ou reconfigurações nos agentes produtores da opinião. A inserção da mulher nesse espaço foi mais uma etapa das mudanças que aconteceram no jornalismo e que foi modificando toda a lógica social sobre a presença feminina nesse espaço público.

O ingresso da mulher na imprensa se deu através do acesso à educação e a inserção nos espaços públicos e suas publicações refletiram os questionamentos relacionados à sua condição social no âmbito particular. Os textos inscreveram a história dessa trajetória dentro de um espaço e tempo, mostrando as experiências das mulheres em um contexto de lutas ao passo dos acontecimentos.

A crônica se configurou como uma ferramenta importante para o registro dos fatos ao longo dos séculos, principalmente por uma visão que enquadra a perspectiva feminina. Enquanto narradoras de sua própria história, as mulheres passaram a publicar nos jornais e compartilhar suas questões para o público, mesmo que no início isso tenha acontecido de forma inibida, a partir de pseudônimos.

Os estudos de gênero, mídia e escrita feminina, que posteriormente ganharam força a partir da organização e atuação das mulheres em uma imprensa alternativa, possibilitou a elucidação dessa participação massiva na construção de narrativas nos jornais. E é justamente a partir desse campo de pesquisa que discutimos a participação feminina na imprensa paraibana.

A partir deste pressuposto, com o apoio e financiamento da CAPES e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPB, no curso de mestrado, aprofundamos esta reflexão sobre o lugar das mulheres na imprensa paraibana. Questionamos a presença das mulheres neste espaço público, tendo em vista a pouca visibilidade e reconhecimento relacionados com a prática da escrita nos periódicos.

A crônica como um gênero que nasce no jornalismo impresso e se expande para além dos seus limites, possibilita o desenho de uma linha do tempo que, narrada em pedaços fragmentados, constitui um tecido histórico, político e social do cotidiano das mulheres escritoras. Neste aspecto específico, destacamos nas páginas de opinião a atuação consolidada de Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima como as protagonistas deste espaço de articulação lítero-jornalístico do século XXI.

Entendemos que, por meio da crônica, a escrita feminina é capaz de alcançar uma interpretação específica dos acontecimentos e, dessa forma, consolidar uma visão feminina do cotidiano, a partir de um determinado espaço-tempo na história. Esse movimento viabiliza, graças às características da crônica, a disseminação da opinião das mulheres, não apenas dos fatos recorrentes do presente, mas também de questões do passado que trazem um vasto conteúdo relacionado à ascendente entrada e permanência das mulheres nos espaços públicos.

Ao todo, foram analisadas 98 crônicas, publicadas nos jornais *A União* e *O Contraponto*, entre os meses de janeiro a dezembro de 2017. Este recorte em questão aponta para o fechamento e posterior reabertura do jornal *O Contraponto*, fato que possibilitou a observação da permanência da escrita feminina em outras dimensões, para além dos jornais impressos.

Baseado na leitura e interpretação dessas crônicas, junto às entrevistas realizadas com as escritoras, entre maio e agosto de 2018, fizemos uma articulação pautada na Hermenêutica da Profundidade de Thompson (2011). Percorremos três eixos importantes: a temática de gênero; o campo do cotidiano das mulheres; e as escritas de si nas crônicas.

Assim, pudemos visualizar as características desta crônica, contextualizar o cenário de atuação das mulheres ao longo dos séculos e refletir a permanência feminina em espaços de disputa, através desta escrita na imprensa.

---

## 1 Surgimento e desenvolvimento da crônica no jornalismo

Etimologicamente, a palavra crônica, do latim *chronica* e do grego *khronos*, tem ligação com o tempo e com os acontecimentos narrados em uma ordem cronológica específica. Nesse sentido, o gênero se configurou como um meio de relatar os fatos sob uma sequência lógica, que tem origem nas definições do início da Era Cristã.

Ao longo dos séculos, a crônica se mostrou eficaz na exposição da história das sociedades, servindo como anunciante dos acontecimentos de uma determinada época temporal, constituindo as narrativas históricas. Mais à frente, se desenvolve e passa a valorar práticas de interpretação do cotidiano, modificando a forma de relato dos fatos.

No entanto, conceituar a crônica apenas a partir destes aspectos é limitá-la em sua forma de atuação, já que no seu avanço ao longo da história, passa não somente a descrever os fatos do cotidiano nos jornais como também a narrar a “temática do eu”, dando a ela uma perspectiva particular, conforme cita Gottardi (2007).

A partir do século XIV, a crônica começou a ser usada para recriar os cenários e fatos na história e na literatura. Mas, diferente do seu conceito inicial, o sujeito passou a ser uma fonte importante nesta prática ao longo dos anos, desenvolvendo a habilidade de manusear o tempo cronológico. Isso possibilitou que as narrativas sugerissem uma nova visão da história escrita da humanidade.

O período medieval europeu foi marcado por transformações na escrita, entre elas a conversão do cronista em um historiador do cotidiano. Neste tempo, a crônica era conhecida como crônicas, e a popularização desta literatura deu início a um processo de interpretação dos fatos a partir da observação direta, que passou do “registro ao discurso histórico”, posteriormente (MEDEIROS, 2004).

No fim da fase Renascentista (séc. XIV a XVI), a crônica se consolidou na Europa, transformando-se em uma ferramenta constantemente

usada pelos escritores da época para narrar suas histórias. O gênero se desenvolveu a partir da literatura e, posteriormente, do jornalismo, aparecendo inicialmente em periódicos de atualização diária. Levando em consideração sua procedência opinativa, a crônica não tinha caráter primordialmente noticioso. Mas sua linguagem diferenciada a destacou nos tabloides, evidenciando suas técnicas e processos distintos de produção narrativa na imprensa.

No século XIX, a característica estética da crônica começa a ter visibilidade, possibilitando novas formas de escrita, que ultrapassam os limites da literatura. Nesta fase, a crônica acompanhou a lógica da modernidade no jornalismo deixando para trás o seu rigor cronológico, em busca de uma nova forma de revelar os fatos sociais.

O processo de registro dos acontecimentos passou a focar em outros métodos como um meio de organizar melhor a construção das narrativas cotidianas. O ponto chave foi a elaboração social do enunciado, resgatando elementos da literatura para trazer à tona, com riqueza de detalhes, os fatos ocorridos. Tendo em vista essa nova rotina de inscrição do cotidiano, foi quebrada a ideia de narrar a história de maneira ordenada cronologicamente. Agora, destacam-se o uso da memória como recurso para a inscrição literária, ao invés do *khronos*.

Nesse sentido, a literatura passou a dar à crônica uma classificação de gênero, possibilitando novas alternativas de expressão dentro do mesmo espaço-tempo. Com ênfase na linguagem literária, a construção verbal se tornou o elemento principal para a descrição de cenários e situações, quebrando a linha do tempo das narrativas em pedaços fragmentados.

De acordo com Pereira (1994), esta nova estética da crônica, “empresta valores conotativos aos eventos sociais”, dando a elas novas formas de elucidar “fatos não determinados, e formalmente não pré-concebidos”. Essas definições refletem a funcionalidade da crônica, não somente a partir da linguagem literária, mas também jornalística, possibilitando novos enunciados.

O fortalecimento do movimento literário no final do século XIX, afirma Pereira (1994), incentivou o aumento da participação de escritores nas páginas dos jornais. Isso elevou os escritores como responsáveis pela evolução da crônica, preservando sua independência em detrimento aos jornais diários, mantendo adiante esta relação “ambígua”.

Dessa forma, além de comentar o cotidiano, a crônica o interpreta, conforme o olhar do cronista e sua relação com o mundo. Para Medeiros (2004), a interpretação também vai influir no impacto da crônica no social, tendo em vista que “dizer é significar”. É o que aponta o seu estudo sobre o discurso da crônica, ao explorar as teorias da análise de discurso em uma tentativa de uma nova visão conceitual sobre a crônica. E concluiu: “não há dizer sem injunção à interpretação”.

Mas este cenário foi se modificando mais uma vez, a partir do desenvolvimento dos jornais no século XX, que esteve intrinsecamente ligado às mudanças proporcionadas pela inserção do modelo capitalista no processo jornalístico. A opinião passou a ser produto, que junto à informação, empenhou valor material às narrativas. Esse fato despertou uma discussão sobre a dualidade de interpretar o cotidiano e opinar, enquanto atende aos interesses de mercado dentro dessa nova conjuntura.

Nesse cenário, a objetividade passa a ser uma prioridade, pois é ela a moeda de troca dos periódicos da nova era, reposicionando o espaço da opinião dentro do jornalismo europeu, principalmente o português, que tinha a opinião como marca forte do seu trabalho narrador (NASCIMENTO, 2013). A partir dessa relação, algumas conceituações teóricas foram feitas para melhor refletir essas práticas discursivas, muito presentes desde então.

Do ponto de vista dos gêneros jornalísticos, foi nesse momento que o jornalismo europeu passou a repensar suas categorias textuais, dividindo-as em informação e opinião, para alcançar essa “objetividade” proposta pelos periódicos. Isso proporcionou uma fragmentação nesse espaço jornalístico, mas deu brecha para novas conceituações sobre essa

nova prática discursiva. Chaparro (2008) leva em conta duas premissas importantes para uma compreensão desse campo de estudo, que são:

a) A enunciação histórica em que se apagam os índices formais de qualquer manifestação do sujeito e o efeito de sentido buscando com essa estratégia a objetividade dos fatos que se apresentam como “se narrassem por si mesmos”; b) A enunciação discursiva em que índices formais da língua (de pessoa, de ostensão, de temporalidade, espacialidade...) de que o locutor se apropria por meio dos quais anuncia sua posição e desvela sua objetividade (CHAPARRO, 2008, p. 10, grifo do autor).

Esses dois tópicos passam a ser considerados como ponto de partida para pensar uma reconfiguração dos jornais europeus e brasileiros – que recebem influência dos modelos de Portugal. Neles estão impressos o reconhecimento da linguagem como ponte para uma valoração de ideologias, considerando que “não há linguagem neutra, pois não há ideologia sem sujeito e por extensão, não há discurso sem uma perspectiva, sem um ponto de vista [...]” (CHAPARRO, 2008).

Essa lógica da formulação dos gêneros jornalísticos serviu para nortear as informações e valorá-las dentro do jornalismo impresso, em uma perspectiva capitalista. A partir de uma linguagem objetiva da realidade, com foco no discurso de sujeitos, o jornalismo se torna uma “crônica da atualidade”, em um espectro temporal e espacial.

Apesar de ser originária do jornal, a crônica não acompanha as formas temporais e espaciais estabelecidas pelos novos códigos jornalísticos, sendo definida como um gênero textual que se alimenta do instante, do momento e se constrói em sua própria rotina, ora seguindo o ritmo da atualidade jornalística, ora acompanhando apenas o seu próprio tempo narrativo.

Ao mesmo tempo em que os gêneros jornalísticos vêm dividir as narrativas em informativas e opinativas, isso não pode e nem afeta diretamente a ação discursiva dentro do jornal, pois as fronteiras entre

a informação e a opinião não podem ser definidas na prática, como reflete Chaparro (2008):

A informação e opinião estão inevitavelmente associados em qualquer texto jornalístico, até porque não existe texto dissociado da ação de pensar. E assim como, nas artes do narrar, são os critérios subjetivos (ou seja, as ideias) que determinam escolhas e hierarquias dos fatos, nos textos da argumentação o que dá clareza às ideias é a contundência dos fatos (CHAPARRO, 2008, p. 162).

Isso deu a crônica uma liberdade narrativa em relação a outros gêneros do jornalismo impresso, pois ela não obedece aos limites estabelecidos dentro das práticas jornalísticas, como o rigor do *lead* e a “objetividade” noticiosa. Também não segue, necessariamente, as exigências literárias relacionadas à estética e à ficção, como complementa Pereira:

Se a crônica consegue ultrapassar os limites impostos pela denotação e pela conotação, estará colocando a crônica além das exigências referenciais no texto jornalístico e do grau de literalidade de algumas formas narrativas. Portanto, a crônica não se define pela natureza referencial das matérias jornalísticas nem tampouco estabelece a partir de modelos literários (PEREIRA, 1994, p. 26).

Por causa dessa dualidade, segundo Medeiros (2004), a crônica passou a ser vista como um ponto de tensão no discurso jornalístico, irrompendo o processo da compreensão da narrativa jornalística a partir de “uma falha no ritual”. De acordo com a autora, esse ritual<sup>1</sup> caracteriza a definição de um controle do discurso e seus mecanismos, como “uma prática estruturante do dizer de diferentes discursos”.

---

1 Discutido por Foucault (1998), Althusser (1985) e Pêcheux (1990), o ritual seria a aplicação de mecanismos de controle dos discursos jornalísticos.

O jornalismo, como um sistema estruturado, mantém o seu discurso como um meio de manutenção de poder, dentro de uma realidade ideológica e/ou posicionamento político. O processo de construção da informação, baseado na influência ideológica do sistema jornalístico, que tem como base uma comunicação “objetiva”, é chamado pela autora de ritual. A crônica vem como uma “falha” desse ritual, quebrando a lógica com uma nova forma de narrar e refletir o cotidiano a partir da subjetividade.

O discurso jornalístico, à semelhança do discurso histórico, mascara a função-autor e o gesto interpretativo, não através da presença de uma metodologia e/ou de referências, como faz o discurso histórico, mas através de uma suposta autonomia dos fatos e dos acontecimentos. Já a crônica constrói um sítio de significação em que se traz a marca do autor assumindo através dela um gesto de interpretação. Autor é no espaço cronístico tomado como presença subjetiva. Ou melhor, funciona como “marca” de subjetividade (MEDEIROS, 2004, p 109)

Assim, a crônica se constitui em um exercício literário no âmbito jornalístico, apesar de não ser fácil conceituá-la dentro dessa perspectiva. Mas ela vai aos poucos assumindo o papel de produtora de significados inserida em uma matriz de reprodução de eventos sociais. Este espaço se constituiu em lugar de fala para porta-vozes narrarem suas vivências em relação ao mundo, que no Brasil se tornou um ambiente plural e bem consolidado.

## 1.1 A crônica na imprensa e no jornalismo brasileiro

Segundo Pereira (1994), o surgimento da imprensa no Brasil se deu no século XIX, quando o império português financiou e implementou dois jornais na cidade do Rio de Janeiro: o *Correio Brasiliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*. A partir da produção e veiculação das notas oficiais,

a nova imprensa trabalhava para reproduzir uma série de documentos oficiais do governo estabelecido no país.

No início da implementação da imprensa no Brasil, tinha-se um sistema que ainda não se fixava na informação como produto. Seguindo o modelo europeu, a imprensa brasileira não tinha o jornalismo como fruto de um mercado lucrativo, até então. Dessa forma, o entendimento do que era informação e de seu grande valor social não era claro.

Mesmo nesse cenário, o trabalho literário se manteve forte nos folhetins, onde a crônica pôde se estabelecer em um primeiro momento, vinculando-se a este espaço popular. Apesar de ser um gênero diferente, foi muito confundido pelo lugar que ocupava nos jornais, mas obteve um desenvolvimento notório, o que o elevou a um outro nível.

Nessa fase, os jornais eram considerados artesanais e o trabalho da imprensa não tinha legitimação. O jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* possibilitou a impressão de seus exemplares, mas ainda assim tinha uma definição linguística e gráfica específicas. Isso se deu pela pouca valoração da informação e sua exploração como produção de enunciados, que só passou a ser diferente a partir da organização e comercialização da informação.

As mudanças que ocorreram após essa fase passaram a ter um forte impacto no modo como o jornal era pensado, produzido e distribuído. Mesmo com alguns avanços, os periódicos brasileiros ainda permaneciam muito distantes da realidade da imprensa europeia, que nesse mesmo período já vivia outra fase de produção.

A maioria dos periódicos deste século se caracterizavam pela proximidade com figuras vigentes de poder, o que permitiam plena autonomia e controle dos assuntos publicados. Por isso, nessa fase da história da imprensa não se considera a existência do jornalismo enquanto prática de produção de informações e codificação de eventos sociais para transformá-las em notícias. Uma prática só alcançada quando o desenvolvimento técnico da imprensa gerou a necessidade de melhor estruturar a atividade jornalística,

o que não foi possível nos dias iniciais da imprensa brasileira, porque a imprensa e o jornalismo eram um hiato (PEREIRA, 1994, p. 51).

No século XX, ainda era perceptível alguns desses aspectos, como a ausência de uma linguagem jornalística mais evidente. Mas foi nesse período que o código literário passou a se estabelecer dentro do jornal brasileiro. O seu uso se deu a partir da possibilidade de ampliar o leque de informações e, assim, seus efeitos no âmbito social.

No entanto, essa valoração da literatura nos periódicos não colaborou para o desenvolvimento imediato dos jornais, tendo em vista que os literatos usavam da mesma técnica para opinar e informar. Nessa perspectiva, pode-se considerar que o discurso jornalístico dessa época tem “baixa literalidade”, a julgar pela pouca atenção que davam à interpretação dos fatos cotidianos.

Esta narrativa focava apenas em uma identidade mais coloquial por parte dos escritores, técnica já exercida nos folhetins. Por isso, muitas vezes, o estilo literário foi confundido com este discurso jornalístico, onde a opinião e a informação não tinham um espaço especializado e as notícias eram descritas a partir de uma perspectiva particular do autor.

Dessa prática, repercutida por muitos anos, sucedeu a profissionalização dos literatos, pois tinham o jornal como um espaço para experimentação do discurso literário. Uma das consequências disso foi o desenvolvimento de um modelo estético no jornalismo brasileiro, que focou em uma representação social dentro dos textos, conquistando a sua parcela de leitores. Essa segmentação abriu oportunidades para que o jornalismo tivesse lucros com a produção de “bens culturais”.

No início do século XX, o cronista já entende que deve fugir dos moldes dos folhetins, ligados à linguagem jornalística, e tenta agregar habilidades literárias, buscando um equilíbrio para trazer qualidade e exclusividade para as crônicas. Apesar do esforço, “o tom opinativo, a literalidade e o fato político” foram marcas fortes no jornalismo brasileiro durante este período (PEREIRA, 1994). Mesmo assim, a crônica consegue

se legitimar dentro dos jornais e, comparada ao folhetim, transcende o discurso jornalístico em busca de uma compreensão melhor do mundo.

Para caracterizar a crônica, é mister ressaltar de um lado a sua natureza literária, e do outro a natureza ensaística. Pelo primeiro traço, ela se distingue do jornalismo, o que é importante porquanto a crônica é um gênero ligado ao jornal; mas, enquanto o jornalismo (artigos, editoriais, tópicos) tem no fato o seu objetivo, seja para informar divulgando-o, seja para comentá-lo dirigindo a opinião, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades do seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas. À crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma relação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, as coisas, os seres (COUTINHO, 1967, p. 97).

Diante deste cenário, consideramos que o cronista compõe uma linguagem própria para os jornais, na medida que se consolida dentro do espaço jornalístico. E isso é legitimado através da constituição dos gêneros jornalísticos. Este processo é considerado um momento de evolução estética no jornal, por ter sido responsável pela sistematização e organização das informações “noticiosas e literárias” nos jornais.

Ao se utilizar de recursos linguísticos para além dos limites jornalísticos, os cronistas acabaram por refletir e definir seus espaços dentro dessa conjuntura mercadológica. Por isso, a crônica é tão importante na evolução do jornalismo brasileiro, pois é a partir dela que é possível ampliar os “significados da informação jornalística”.

Nessa perspectiva, a crônica brasileira do século XX é marcada pelo dever de informar, deixando de lado as narrativas complexas dos séculos passados. Nesse momento, o cronista abandona os efeitos estilísticos para que a crônica consiga se inserir em uma realidade mais aproximada do leitor. A partir dessa visão de aproximação, a crônica se consolida

como uma maneira muito específica de narrar o cotidiano, valorizando temáticas que, aparentemente, não teriam valor jornalístico.

A evolução de uma imprensa de opinião inserida no jornal diário, deu a crônica a possibilidade de se firmar como gênero tanto na literatura, quanto no jornalismo, legitimada pela sua expansão dentro do espaço onde surgiu (NASCIMENTO, 2013). Seu desenvolvimento linear, que transita pela fase documental, literária e jornalística, passou a retratar temáticas como política, cultura e a refletir sobre as práticas jornalísticas de seu próprio meio, como uma espécie de metalinguagem.

O problema em pensar os gêneros jornalísticos a partir do paradigma informação *versus* opinião está em não considerar que no jornalismo, o processo prático de construção de discursos esteja isento da presença de um posicionamento por parte do indivíduo. Sejam discursos narrativos ou argumentativos, haverá uma associação “dos fatos às ideias, os dados às emoções, os acontecimentos à reflexão, os sintomas ao diagnóstico, a observação à explicação” (CHAPARRO, 2008).

De acordo com Pereira (1994), essa categorização jornalística enquadra a crônica em uma esfera opinativa dentro do jornal, mas apesar disso, não limita o seu exercício dentro de uma necessidade de avaliação do relato jornalístico. Isso porque a crônica não mantém um vínculo cronológico, que no jornal “dá sentido à produção de opiniões”, nem se estabelece somente de acordo com a visão dos acontecimentos.

Em relação ao espaço que ocupa dentro do jornal, consegue justificar mais o espaço do cronista do que da própria categoria como gênero jornalístico, causando um “desvio semântico”. E esclarece o porquê:

O que muda na relação entre o jornalismo opinativo e jornalismo interpretativo são os procedimentos técnicos utilizados pelo jornalista para definir o grau de alcance de sua mensagem, quer seja opinando, quer seja interpretando. No exercício dessas categorias, se desenvolve todo um conjunto de mensagens, através de modalidades narrativas, nos quais prevalece a voz de um narrador. Este sintetiza as diferenças conceituais que perpassam pelo processo da informação.

Torna-se imperativa a opinião do jornal ou dos grupos que o representam, também, na construção da interpretação [...] (PEREIRA, 1994, p. 115).

Dessa forma, a opinião e a informação não estão desvinculadas, sendo cada vez mais exigido na prática jornalística uma compreensão de que ao opinar, o narrador deve estar consciente dos fatos cotidianos. E da mesma forma, para interpretar o cotidiano, ele deve tomar um posicionamento com o intuito de qualificar cada vez mais o seu trabalho como mediador social.

Apesar de, no Brasil, os gêneros jornalísticos terem um espaço estabelecido, a crônica não pode ser enquadrada em apenas uma de suas categorias, devido as suas qualidades estruturais, linguísticas e narrativas. Além disso, as conexões da crônica com a literatura lhe permitem uma liberdade maior, tendo em vista sua fluidez com a “fabulação e o cotidiano” (NASCIMENTO, 2013), estando ela livre de classificações.

Quando a crônica foge dos enquadramentos estabelecidos pelos gêneros jornalísticos, possibilita ao cronista uma releitura dos enunciados, levando para os leitores um valor textual significativo que vai além do tempo e espaço e alcança um dialogismo (SÁ, 1985). Esse distanciamento da crônica brasileira em relação a narrativas de fatos históricos é uma das razões pelas quais o gênero não se aproxima de uma narrativa circunstancial, como o texto jornalístico que está intrinsecamente ligado com o fator temporal.

Ao invés disso, contrasta com os métodos de construção do real nos jornais e avança para um novo conceito de linguagem, onde a literatura e o jornalismo se unem para recriar as novas formas de expressão. E Sá afirma como:

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo *que também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo

sobre a complexidade das nossas dores e alegrias (SÁ, 1985, p. 11, grifo do autor).

João do Rio foi o cronista que tentou ultrapassar essa barreira “pelo ângulo subjetivo da interpretação e da recriação do real”. Suas publicações indicam uma iniciativa do autor em não ser mais apenas observador, mas atuante dentro do âmbito social e no jornal, em um exercício de reflexão do cotidiano (SÁ, 1985, p. 9). Além dele, outros escritores como Machado de Assis, José de Alencar, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade também se utilizaram da crônica como ferramenta para expressar sua visão dos acontecimentos.

Mesmo com essa prevalente característica, a crônica ainda é uma ferramenta muito importante para registro de acontecimentos e reflexões, que vêm formulando uma linha do tempo e narrando o cotidiano de forma fragmentada, desde sua concepção nos periódicos europeus até os dias de hoje. Foi graças a esses e outros registros que pudemos estabelecer uma linha do tempo onde se desenha a trajetória de vida das mulheres na imprensa ao longo dos séculos.

## **1.2 Atuação e representação feminina na crônica brasileira**

A imprensa foi canal para a constituição de uma “consciência feminista”, que se refere ao processo de entrada da mulher à crítica social a partir de seu acesso ao letramento, à leitura e à escrita, segundo Duarte (2010). Esta consciência se desenvolveu a partir do fortalecimento feminino neste lugar que é a escrita, e debatiam sobre a luta das mulheres em direção ao espaço público.

Em busca de uma nova concepção sobre a mulher na sociedade, as escritoras repensavam as escritas já formuladas sobre o feminino – a partir de uma visão masculina - e, ao passo que refletiam em seus textos sobre esses novos conceitos, propunham uma “formulação do eu”, diante da literatura já publicada.

Dessa forma, as mulheres escritoras que precedem o século XX foram cruciais para o fortalecimento de uma literatura feminina no Brasil,

que veio se consolidar a partir das primeiras décadas do novo século. Essas produções textuais nos periódicos colaboraram para a inscrição de sua atuação frente ao cenário histórico que estavam construindo.

Entre as cronistas de destaque do Brasil no século XIX, de acordo com a pesquisa de Pereira (2010) sobre a crônica de autoria feminina, encontram-se: Nísia Floresta Brasileira Augusta, Júlia Lopes de Almeida e Carmem Dolores. Aqui, suas crônicas assumem uma utilidade de memória coletiva da história feminina, onde as mulheres atuantes nesse cenário lutaram, com suas produções opinativas, para a valorização da mulher no espaço público.

O estudo sobre a imprensa das mulheres no século XIX, apresentado por Muzart (2013), evidencia a presença de outros destaques na crônica brasileira durante o início do século XX: Josefina Álvares de Azevedo, Corina Coaracy, Carmem Dolores, Gilka Machado e Maria Lacerda de Moura. Elas estavam articuladas em um movimento de sororidade feminista e literária e prosseguiram para uma constituição de um periodismo feminino.

A segunda metade do século XX foi marcada pela consolidação da crônica brasileira nos diversos suportes de publicação, sejam eles jornais, livros e outros encartes literários, dada a sua forte expressão. Esse processo contribuiu para a formulação de um perfil feminino dentro das crônicas e colaborou para incrementar a discussão sobre a mulher na literatura, principalmente como produtoras de uma memória social.

Um ponto importante dessas e de outras descobertas é um novo papel que a crônica desempenha durante esse processo de representação da mulher no espaço literário e jornalístico. Ela foi considerada como um dos gêneros que mais abordou temáticas do universo feminino, em um movimento de personificação e atuação da mulher dentro das narrativas, segundo Simon (2006).

Essa personificação demonstra a fase inicial da representação feminina a partir de cronistas homens, ao usar personagens mulheres e histórias femininas sob uma perspectiva masculina dos fatos. A atuação da mulher como protagonista das ações sociais (e também produtoras

de suas narrativas dentro dos jornais brasileiros), foi se revelando após um longo processo de reivindicações e conquistas frente aos paradigmas sociais.

Posteriormente, passaram a atuar frente à escrita baseando-se em suas próprias histórias e gerando as próprias representações. Algumas mulheres do século XX puderam democratizar os diferentes entendimentos sobre o feminino, suas reais experiências e perspectivas acerca do cotidiano. Assim se deu a constituição da crônica feminina na imprensa, escrita que representa o feminino e revela discursos, baseada na experiência das mulheres no mundo.

A partir do estudo dos cronistas e as mulheres, Simon (2013) elencou Carmem Dolores, Júlia Lopes de Almeida, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Eneida de Moraes e Cecília Meireles como as maiores escritoras do gênero no Brasil dessa época.

Na Paraíba, a crônica teve importante papel na instrução social, tendo em vista que as primeiras escritoras locais surgiram de uma reconfiguração social, dada a atuação da mulher na educação das famílias. Essa mudança facilitou o acesso da mulher à literatura e, assim, a produção textual foi inevitável, apesar da publicização nos periódicos ter sido dificultada. Nos resta questionar como se deu esse processo e quem são as protagonistas deste contexto.

### **1.3 A crônica na imprensa paraibana**

De acordo com Souza (2011), a imprensa paraibana do século XIX foi constituída, em sua maioria, por uma elite intelectual que valorava a instrução e a usava como técnica para produção de textos culturais e políticos. Era uma imprensa que focava na disseminação de textos a respeito de diversos temas: política, leis, literatura e sociedade, de um modo geral. Essa instrução, diz o autor, foi responsável por trazer uma “civilização” cultural na imprensa, a tornando difusora desses discursos.

Devido à sua dependência em relação à Recife, a imprensa paraibana demorou a se desenvolver e a constituir uma cultura letrada e ativa. O elevado grau de analfabetismo local também era um fator relevante a ser

considerado, mas foi a partir do trabalho de vários agentes importantes no cenário social, nos periódicos em circulação no século XIX, que houve a consolidação de uma “cultura escrita e letrada”.

Um dos aspectos da imprensa nesse período, segundo Souza (2011), é a capacidade textual dos periódicos, a partir desses intelectuais, de rememorarem “o passado instrucional da província, atuando como agentes históricos na produção e divulgação dessa cultura educacional”, transformando os jornais em uma rica fonte de material para pesquisas historiográficas.

Dentre esses textos está a crônica como forte aliada na construção de uma imprensa local. Os agentes inseridos nesse contexto eram estudiosos, médicos, advogados, jornalistas, políticos e professores, personagens diretamente ligados à uma formação intelectual e cultural, características que ressaltam de forma muito clara nos textos que eram produzidos. Essa produção se pautava no contexto da época, que fomentava um discurso político partidário vivenciado pela sociedade.

O jornalismo paraibano tinha caracterizado em seus periódicos fortes embates políticos, com participação de leitores e partilhava da mesma realidade de desenvolvimento de outros jornais brasileiros. A ausência estética nos jornais e a falta de uma classificação da informação eram outras características presentes, que posteriormente evoluíram de forma mais lenta, se comparado à imprensa pernambucana.

Esses escritos passaram a ser veiculados em várias plataformas impressas ao mesmo tempo, o que contribuiu para o fortalecimento da literatura. Segundo o estudo de Vilar (2005) sobre a literatura e os periódicos paraibanos do século XIX, o jornalismo foi importante na evolução da literatura local, estando ela associada às atividades da imprensa, perpetuando-se essa relação até o presente século XXI.

Os textos estavam ligados ao universo do cotidiano paraibano e se tornaram importantes fontes de pesquisa para a compreensão de questões sociais do presente e do passado. A inserção da crônica e de outros gêneros literários nos periódicos possibilitou uma pluralidade

de distribuição, caracterizando o jornal como um arquivo dinâmico de conteúdos literários.

Inicialmente considerado pelos historiadores como “um repositório de práticas de produção e circulação de textos e autores” (VILAR, 2005), os jornais passaram a concentrar produções inéditas, que muitas vezes não eram publicadas em outras plataformas impressas.

Em outras palavras, essa aproximação da história da literatura das práticas culturais paraibanas tenta evitar o que João Adolfo Hansen chama de “etnocentrismo espontâneo da leitura”, que consiste de interpretações anacrônicas – como a que fazemos quando utilizamos o termo literatura e a categoria estética a produções de todo o século XIX – porque ignoramos que o significado de uma obra subordina-se tanto a códigos e acordos específicos, como a uma comunidade de leitores, que a “organiza sincronicamente, de acordo com as categorias e os preceitos do seu presente. Essa organização também se faz diacronicamente, segundo suas apropriações, valores-deuso” e o seu repertório de leitura. Uma pesquisa em jornais evita, portanto, tomar a “obra” final – impressa em livro – como definitiva e a única passível de investigação. Assim, ao considerar as outras modalidades de apresentação de um mesmo texto, conhecemos as relações de (re)significação que podem ser estabelecidas a partir da sua leitura em um periódico, por leitores contemporâneos (VILAR, 2005, p. 4, grifo do autor).

Os textos literários apresentados nos jornais do fim do século XIX seguiam seu “caráter didático”, englobando os fatos, a poesia, política e ciências, que até a década de 1970 se apresentava em uma página intitulada de “literária”. Nela, estavam presentes diversos gêneros comumente publicados na imprensa paraibana, entre eles, ensaios, cartas, resenhas, biografias, poemas, contos e crônicas.

A crônica nesse período ainda não tinha sua caracterização, sendo considerada “ensaios” publicados nos jornais. A partir da leitura de

Silva (2009), foi possível ter uma concepção histórico-social relacionada aos cronistas e seu lugar dentro dos jornais e evidenciar a principal característica da crônica paraibana daquela época, que era a utilização da metáfora.

A metáfora, nesse contexto, era o método utilizado pelo cronista como instrumento de experimentação de seu próprio imaginário, mostrando aos leitores sua capacidade articuladora de referenciar diferentes aspectos de seu conhecimento do mundo em sua expressão textual.

Essa referência a um universo externo ao presente possibilita o fortalecimento da memória social. Os leitores, ao acompanharem o trabalho do cronista dos séculos XIX e XX, seguem as narrativas e se identificam com a sua realidade. Isso gera no social um processo identificador comum, que traz à tona memórias e conexões linguísticas que já haviam sido abandonadas e transformam-na em novas.

E funciona porque em um determinado contexto, existe uma memória cultural que está alinhada no processo de comunicação textual da crônica, que aproxima o cronista e o leitor. Assim, o cronista utiliza os recursos linguísticos necessários para conectar suas ideias e convencer o leitor de suas conjecturas.

De acordo com uma entrevista concedida à autora (18 jun. 2018), Hildeberto Barbosa Filho - jornalista, professor e crítico literário – enfatiza que a imprensa paraibana do século XX teve uma grande abertura para a literatura e a cultura de um modo geral. Neste contexto, muitos escritores tiveram, e até hoje têm, acesso a um espaço nos jornais que propagam a sua obra ou suas produções literárias.

Da mesma forma, o movimento oposto acontece, fazendo da imprensa porta de entrada para a descoberta de muitos escritores locais. Além disso, os jornais se consolidam como um espaço legitimado onde atuam diferentes personalidades. Entre eles, cita José Edilberto Coutinho, Carlos Augusto Romero, Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Luiz Augusto Crispim, Carlos Azevêdo, Wellington Pereira e o próprio Hildeberto Barbosa Filho.

Seguindo este mesmo debate, Barbosa Filho (2018) aponta as transformações no jornalismo deste tempo, que afetaram diretamente a maneira como os literatos são apresentados neste espaço:

Antigamente, o jornalismo era mais analítico, era mais reflexivo e apesar de ter dito que há esse espaço, o espaço era bem maior. Havia um espaço de criticidade maior. Hoje, o jornalismo, falando do impresso, perdeu muito essa capacidade reflexiva – analítica e se aliou muito a coisas, vamos dizer assim, meramente informativas, mais da notícia. E, com isso, ele perde muito, embora tenhamos, sim, alguns jornais, e cito *A União* e temos o semanário, como o *Contraponto*, que ainda mantêm um mínimo de espaço para estabelecer uma discussão crítica, mas isso cada vez mais está desaparecendo. Quando tem a parte de coluna são espaços muito pequenos, pílulas, assim não dá nem para pessoa fazer uma reflexão mais densa, mais profunda, porque o espaço é muito limitado. Essa é a mudança básica (BARBOSA FILHO, 2018).

Assim, os espaços para veiculação de textos literários, inclusive das crônicas, diminuíram ao longo dos séculos, tendo que “competir” com o fluxo de informações. Dessa forma, a veiculação de textos literários em espaços especializados se tornou real, como, por exemplo, a formulação do *Correio das Artes*, em 1949. Esse caderno especial tipicamente literário era publicado periodicamente pelo jornal *A União*; atualmente se consolidou como um suplemento literário.

Além disso, a relação dos cronistas com o tempo e a produção se diferencia a partir das mudanças da imprensa. Antes tinham mais espaço e, dessa forma, mais produção textual veiculadas nos jornais. Nos séculos seguintes, esse cenário foi abrangendo publicações esporádicas. Mesmo se mantendo de forma constante, muitas publicações deixaram de ser diárias e passaram a ser sazonais.

A percepção do autor também se modifica, passando a enxergar os fatos considerando um referencial noticioso, tendo em vista sua inserção

nesse mercado da informação. O que era tido como um relato ou reflexão de uma visão particular, passa a ser exigido como um comentário da realidade que complementa os objetivos editoriais dos jornais. Sem contar com o quesito interação, que até o fim do século XX era feito a partir de cartas de leitores e hoje se dá de diversas maneiras, como por telefone e através da internet.

Nestas primeiras décadas do século XXI, a crônica paraibana é marcada pelo estilo particular do autor (ou autora, nesse caso), onde a maior preocupação é imprimir uma ideia do cotidiano de forma muito pessoal, no sentido estilístico e conceitual. Assim, “o cronista faz do uso da palavra, se caracterizando, sobretudo, com um estilo específico que revela uma visão de mundo bem peculiar e varia de acordo com cada cronista” (BARBOSA, 2018).

Esse uso, no caso das mulheres, só veio a ser possível graças ao acesso à educação e à literatura, fruto de uma necessidade de expandir suas ideias a um patamar público, através de seu ingresso no meio intelectual. Essa inserção feminina na imprensa a partir do século XIX foi fruto justamente da sua inserção nesses espaços, sendo esses considerados os principais caminhos traçados por mulheres em todo o Brasil com destino à esfera pública (PAIVA; DUARTE, 2009).

A educação na Paraíba, como em todo o país, está diretamente relacionada com o movimento de emancipação feminina, que oportunizou às mulheres o acesso ao trabalho fora do âmbito privado, geralmente vinculado ao Magistério, mas também no Direito, na Medicina e outras profissões prestigiadas socialmente. A literatura veio para fortalecer ainda mais a sua participação nos espaços sociais, atuando em saraus e feiras culturais com publicações em livros, mas principalmente em jornais e revistas especializadas. E enfatiza as autoras:

[...] os jornais serviam à circulação e divulgação de textos literários também para as escritoras, uma forma de alcançar certa visibilidade intelectual, de discutir, de participar da “conversa”. Nesse sentido, vale ressaltar a importância desse veículo como instrumento de inserção da mulher no campo das letras – quer pela

criação dos jornais e das revistas femininos quer pela publicação na imprensa já estabelecida e dirigida pelos homens –, porta de acesso bastante estreita para as mulheres que almejavam serem reconhecidas como “mulheres de letras” (PAIVA; DUARTE, 2009, p. 14, grifo do autor).

Justamente nesse ponto a crônica feminina paraibana se desenvolve, a partir do surgimento de uma presença feminina nos periódicos da época, fomentado principalmente por professoras e, posteriormente, também por outras profissionais, além de mulheres que não tinham vínculo com atividades acadêmicas, mas desempenhavam uma atividade social na qual se destacavam.

Os estudos de Sales (2005) e de Bernardo (2013) evidenciam o rico trabalho literário que professoras locais desenvolveram, constituindo as primeiras escritoras paraibanas na imprensa. Os seus escritos geravam novidade, com um texto mais criativo e novas problematizações, formulando novas visões de mundo e reorganizando os espaços onde estavam inseridas. O uso da memória também é destaque como forma de resgatar as histórias e o passado.

Este período precursor da história inicial da imprensa e literatura feminina paraibana foi marcado pelas particularidades de cada escrita, evidenciando um contexto social e o lugar de fala das autoras. O que tinham em comum era um “fio condutor”, segundo Sales (2005), que fazia referência a interlocução feminina, relacionada à opressão social vivida pelas mulheres deste período. Em seu estudo, a autora identifica que as mulheres escritoras se caracterizavam como moças ou senhoras de classe média, que emanciparam a sua educação e se tornaram autodidatas na instrução.

No século XXI, a escrita feminina ainda se mantém forte no jornalismo paraibano, caracterizado pela atuação de mulheres nos diversos segmentos opinativos, na reportagem e em cargos de chefia de jornais, televisão e rádio. Além disso, podemos considerar essa presença nas plataformas digitais, sites de notícias e blogs pessoais. Nesta pesquisa,

damos destaque à crônica, localizada nas páginas de opinião dos jornais *A União* e *O Contraponto*.

A partir de sua escrita, relata Sales (2005), as mulheres socializaram “outras possibilidades para o Ser Mulher”. Assim, no ato de escrever e educar, as escritoras paraibanas teceram em seus textos sobre um cotidiano de resistências, construindo uma luta política e novas possibilidades de atuação para o público feminino, reflexos do cenário repressor e discriminatório característicos da época.

Outro ponto crucial para o fortalecimento do discurso feminino neste período foi o posterior surgimento de uma imprensa feminista em todo o Brasil, afirma Teles e Leite (2013). Isso se deu, primeiro, pela importância das lutas e intervenções organizadas por mulheres em alguns países, como EUA, e a consolidação do Ano Internacional da Mulher, no início do século XX.

Esse fato possibilitou um maior entendimento em relação aos movimentos sociais femininos, propiciando uma discussão e uma reorganização em favor da quebra de paradigmas em todos os espaços nos quais as mulheres estavam inseridas. Algumas décadas após este marco, em um contexto pós-ditadura militar (1964-1985), as mulheres passaram a se organizar de forma mais incisiva e o movimento feminista obtém um crescimento consistente na imprensa.

---

## 2 A presença feminina na imprensa paraibana

O século XIX foi marcado pela inserção da mulher na imprensa, que a partir de uma visão masculina, começou a ser representada em revistas e periódicos, criados especialmente para entreter o público feminino. Essas produções enfatizavam o discurso patriarcal onde a mulher ideal seria a que mantivesse sua atenção voltada ao lar, tecnicamente ao âmbito privado (PINHEIRO, 2010).

Os jornais eram pensados para orientar as mulheres em suas diversas atividades domésticas, tais como corte e costura, beleza, saúde, casamento e maternidade. O foco era atender as expectativas sociais em relação à imagem da mulher do lar, que na época era tido como padrão. Esse modelo se consolidou na sociedade, como cita Pinheiro (2010), se desenvolvendo em cadernos para mulheres casadas e solteiras.

Em sua pesquisa sobre as “Leitoras e interlocutoras da literatura oitocentista”, Pinheiro (2010) aponta *O Gabinete da Leitura – Serões das Famílias Brasileiras* (1837-1838), *O Jardim das Damas* (1852), *Revista Popular* (1863-1878), que depois passou a ser chamada de *Jornal das Famílias* e *O Sexo Feminino* (1873-1889) como as primeiras produções desse período no Brasil. Estes jornais logo se disseminaram por outras províncias, inspirando a criação de vários periódicos femininos.

Na história oficial, a mulher adentra a imprensa no contexto da representação masculina, depois passa a escrever textos e publicá-los, com um discurso totalmente controlado pelo crivo masculino. No entanto, grupos de mulheres se mobilizaram para reivindicar o ingresso feminino nos espaços públicos. Isso culminou, já no século XX, na fundação de jornais e revistas, criados e produzidos por mulheres, para discutir as questões urgentes de seus cotidianos.

Logo, grupos de mulheres passaram a inserir na imprensa uma série de textos que se desenvolveram em “um novo regime discursivo”, conforme Teles e Leite (2013). Esse processo se consolidou a partir de denúncias publicadas por mulheres de várias classes sociais. Os textos

evidenciavam o cotidiano feminino e proporcionavam a reflexão sobre sua condição social inferior.

Com o passar dos anos, o movimento feminista passou a ser desenhado através da entrada massiva de mulheres no espaço público, que teve seu ponto de eclosão no acesso das mulheres à educação. Enquanto a “imprensa feminina” representava a mulher “do lar”, a imprensa feminista veio a ser um contraponto, democratizando as visões e representações das mulheres na imprensa.

A partir de 1975, as escritoras fundaram jornais e revistas, produzidos por e para mulheres, para garantir a sua trajetória nos campos de disputa, na imprensa e no social. Os jornais de mais destaque deste período foram o *Brasil Mulher* (1975-1980) e o *Nós Mulheres* (1976-1978). Essas iniciativas tiveram impacto em organizações feministas de todo o país e reafirmaram a trajetória histórica e política das mobilizações no século XX, a partir da retomada pública do movimento feminista no Brasil e da explanação das lutas sociais das mulheres das mais diferentes realidades.

Desse cenário, podemos compreender a colaboração das mulheres para uma imprensa pautada na opinião e para a aproximação feminina do real. A representação das mulheres a partir da visão masculina, além de afastar a imprensa feminina da atualidade, fez com que, por muitos anos, acredita Buitoni (1986), as mulheres fossem consideradas um “mito” na imprensa.

De certo, o trabalho das mulheres na imprensa contribuiu para a discussão de seu papel na sociedade e para que a trajetória feminina fosse escrita na história. Desde o século XIX, a imprensa é considerada um lugar de disseminação da história das mulheres no Brasil. Anteriormente, por esse “lugar da mulher” estar relacionado ao âmbito privado, pouco se sabia historicamente sobre suas experiências reais. As produções textuais sobre o debate do feminino oportunizaram o registro dessa jornada.

Assim, como em todo o país, na Paraíba as mulheres seguiram este caminho. Primeiro veio a concessão ao direito à educação, que abriu as portas para a aproximação das mulheres às letras. A formação gerou

“um senso crítico, lógico e artístico”, como cita Nascimento (2013), que foi essencial para a compreensão da condição social feminina.

Depois, o interesse em discutir sobre questões pertinentes em seu cotidiano, questionando esta condição ainda inferior em relação aos homens e relatando suas experiências diárias.

Os espaços de escrita nos periódicos estavam sendo apropriados pelas mulheres para expressar suas inquietações, discursos nos quais as protagonistas se apropriaram da escrita, como forma de organizar o pensamento e problematizar o cotidiano, reescrevendo e construindo novas experiências. Nesse exercício de escrita de si, o sujeito se inscreve, e, constrói discursivamente suas subjetividades. Ao narrarem suas ações, motivações, inquietações e sonhos, vão se apropriando das possibilidades da escrita enquanto espaço de criação de novas compreensões sobre si e sobre o outro (NASCIMENTO, 2013, p. 7).

Em sua pesquisa sobre as “escritas de si” nos textos femininos da Paraíba da década de 1930, Nascimento (2013) evidenciou que algumas dessas produções reforçavam os valores patriarcais, representando um forte discurso da mulher no ambiente privado, de onde já estavam saindo. Em contrapartida, outros textos questionavam estas representações. Isso denota o movimento de silenciamento que as mulheres deste século foram submetidas, mesmo já estando em ascensão nos ambientes públicos.

Acredita-se que essa tendência de silenciamento feminino pode ter retirado as mulheres de “cena”, apagando muitas trajetórias na história oficial da escrita. As “mulheres de letras” existiram e atuaram na imprensa paraibana, mas isso só veio a ser redescoberto a partir de pesquisas de gênero e escrita feminina, muitos anos depois. Nunes (2013) confirma a premissa, quando mostra os resultados de sua pesquisa onde apenas 1% dos escritos estudados na década de 1930 constavam como produzidos por mulheres.

Outro trabalho que discute a atuação das mulheres escritoras na Paraíba é o estudo de Bernardo (2013). Ela investigou os escritos de personalidades femininas do século XX e revelou, justamente, a mesma ausência de registros sobre essa presença nos jornais. A autora considera que este resultado é a prova de que o processo de silenciamento aconteceu e afetou a inscrição feminina na história oficial.

Este silêncio pode ser constatado na lacuna existente sobre a presença da participação da mulher na literatura e na educação na Paraíba. Nossas escritoras e professoras foram excluídas da história oficial, sinalizando uma desvalorização de seus discursos, de modo geral, pela sua posição na hierarquia de gênero. Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina. Para pode-se tornar criadora, a mulher teve que enfrentar muita censura e preconceito [...] (BERNARDO, 2013, p. 2).

Mesmo assim, a pesquisa historiográfica revelou a participação de mulheres, que datam do século XIX e XX. São elas: Anayde Beiriz, Analice Caldas Barros, Eudésia Vieira, Lylia Guedes, Olívia Carneiro da Cunha. Outras escritoras foram identificadas por Bernardo (2013) posteriormente: Apolônia Amorim, Ambrosina Magalhães, Albertina Correia Lima, Alice Azevedo Monteiro, Catarina Moura, Francisca Rodrigues Chaves Moura, Francisca de Ascensão Cunha, Isabel Iracema Feijó da Silveira, Iracema Marinho e Juanita Machado.

Pesquisando também no Pequeno Dicionário dos Escritores/Jornalistas da Paraíba do século XIX (2009), pudemos detectar outras mulheres atuantes na imprensa paraibana desse século, tais quais Ezilda Milanez, Leonarda Merandolina e Beatriz Ribeiro. Maria Lúcia Nunes (2016), desenvolveu o estudo “Quando as mulheres escrevem: textos sobre a educação na imprensa paraibana”, um projeto relacionado aos estudos dos escritos femininos nos jornais paraibanos entre os anos de 1920 a 1930. Ela contribuiu para evidenciar a presença dos escritos de

Olivina Olívia, Julita Ribeiro, Tercia Bonavides, Carmita Coelho, Angelina Pereira Gomes e Dalva Santiago Rangel.

Considerando estes achados, observamos poucos estudos voltados a traçar um cenário da escrita feminina nas páginas de opinião do jornalismo paraibano no século XXI. Para tal, buscamos nos jornais o nome das mulheres escritoras/jornalistas para traçar uma cartografia dessa presença. No período de 2011 a 2017, investigamos nos arquivos dos jornais *A União*, *O Contraponto*, *Jornal da Paraíba*, *Correio da Paraíba*, *O Norte* e *Correio das Artes* e chegamos a seguinte tabela:

**Tabela 1** – Quadro de escritoras/jornalistas paraibanas identificadas entre os anos de 2011 a 2017

| <b>JORNALISTAS E ESCRITORAS</b> | <b>JORNAL</b>                             | <b>GÊNERO TEXTUAL - JORNALÍSTICO</b> |
|---------------------------------|-------------------------------------------|--------------------------------------|
| <b>Ana Adelaide Peixoto</b>     | O Norte, Correio das Artes, O Contraponto | Crônica                              |
| <b>Ângela Bezerra de Castro</b> | Correio das Artes                         | Crítica literária, Crônica           |
| <b>Elizabeth Marinheiro</b>     | Jornal da Paraíba                         | Crítica literária                    |
| <b>Joana Belarmino</b>          | O Norte, A União, Correio das Artes       | Crônica, Conto                       |
| <b>Katarine Laroche</b>         | O Contraponto                             | Crítica de Arte                      |
| <b>Lena Guimarães</b>           | Correio da Paraíba                        | Artigo (Colunista)                   |
| <b>Lourdinha Luna</b>           | A União, Correio da Paraíba               | Crônica                              |
| <b>Luciellen Souza</b>          | A União                                   | Artigo                               |
| <b>Molina Ribeiro</b>           | A União, Correio da Paraíba               | Crônica, Artigo                      |
| <b>Neide Medeiros</b>           | O Contraponto                             | Crítica literária, Poesia            |

|                     |                    |                            |
|---------------------|--------------------|----------------------------|
| <b>Sandra Moura</b> | A União            | Artigo                     |
| <b>Sony Lacerda</b> | Correio da Paraíba | Artigo (Colunista)         |
| <b>Vitória Lima</b> | A União            | Crônica, Crítica literária |

Fonte: Elaborado por Maryellen Bãdãrão (2017).

Para a formulação deste quadro consideramos os textos de autoria feminina, que se apresentavam de forma permanente durante o recorte temporal estabelecido. As mulheres listadas, em sua maioria são professoras, mas também jornalistas, escritoras, historiadoras, advogadas e acadêmicas. Este cenário de atuação profissional não se restringe apenas à imprensa, mas também à literatura local, compondo um vasto campo literário, que tem seu cenário plural, democrático e especializado.

Elegemos as cronistas que mais se destacam neste cenário, que por sua vez, mantêm publicações fixas e, de maneira sistemática, publicam regularmente nos jornais. Assim, chegamos as três cronistas: *Ana Adelaide Peixoto*, *Joana Belarmino* e *Vitória Lima*, quem mantêm sua presença permanente na crônica ao longos dos anos. Para além deste levantamento, destacamos também a grande contribuição de Maria José Limeira, Violeta Formiga, Clotilde Tavares, Bemilda Vinagre, Mariana Cantalice Soares, Maria das Graças Santiago, Claudia Gondim, Elizabeth Marinho e Ângela Bezerra de Castro, para a escrita feminina paraibana.

Essa presença feminina na imprensa constitui um acervo importante, que conta toda a mobilização das “mulheres das letras” no jornalismo da Paraíba. Elas narram os acontecimentos denotando sentido a suas próprias representações e ao seu cotidiano, a partir do posicionamento como agentes sociais. Além disso, o jornal como espaço de visibilidade se torna um lugar de significação desses fatos cotidianos.

Observamos esta crescente presença feminina na imprensa paraibana, tendo em vista outros nomes que aparecem de maneira esporádica nos jornais investigados. Outras mulheres publicam durante

meses e desaparecem. A relação profissional com os periódicos se resume a colaboração voluntária na maioria dos casos. Isso sugere, na prática, que o processo de ingresso e permanência das mulheres na imprensa ainda é difícil e desafiador, devido as disputas pelo espaço de poder e acúmulo de funções sofrida pelas mulheres nos diversos âmbitos da vida.

Baseados na metodologia Hermenêutica da Profundidade (Thompson, 2011), interpretamos essa cartografia produzida, cruzando as informações com entrevistas em profundidade realizadas. Este método propõe uma interpretação na pesquisa social, a partir da leitura “das formas simbólicas” dos textos publicados na imprensa e das entrevistas.

Neste contexto, consideramos Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima como as escritoras que atuaram regularmente na escrita da crônica na imprensa paraibana, tornando-se referência em seu campo de atuação ao longo dos anos, mas principalmente entre 2011 e 2017. Esta presença constitui em um mecanismo de permanência do feminino em discussão, problematizando o social.

## **2.1 A escrita da história das mulheres na imprensa**

Graças ao acesso à educação, uma crescente quantidade de mulheres passou a conquistar espaço na esfera pública através da participação na literatura e na imprensa, em meados do século XIX. A escrita foi parte importante nesse processo, tendo em vista a sua utilização como porta-voz de pensamentos e opiniões.

Apesar disso, as mulheres enfrentaram desafios nesse percurso, ficando de fora da inscrição da história oficial. A obra de Machado (2005) sobre a prática de escritas de mulheres nos dá indicações de que, mesmo com esse processo de exclusão inicial, a inserção da mulher na escrita pode ser visualizada como uma prática cultural:

Partindo dessa compreensão da mulher como excluída da história, necessário se faz também enfatizar a importância da escrita como prática cultural, sobretudo a partir do século XIX, quando deixou de ser um domínio exclusivo dos papéis masculinos e

se transformou no principal veículo de acesso feminino à esfera pública. Através da escrita, aos poucos, as mulheres apropriaram-se do mundo e múltiplos significados culturais lhes foram proporcionados, provocando deslocamentos entre as dicotômicas fronteiras do espaço público e privado, reconstruindo a imagem feminina na sociedade moderna (MACHADO, 2005, p. 18).

Assim, a escrita se torna o segundo degrau que a mulher sobe em direção à esfera pública. A partir do andamento desse processo crítico dos acontecimentos, a mulher foi aos poucos questionando a realidade a sua volta. Mediante a leitura dos textos de outras mulheres escritoras, esta inscrição se tornou ferramenta importante para uma elucidação coletiva do feminino.

Magalhães e Alvarez (2014) afirmam que os *media* se tornam um dispositivo essencial para o avanço das mulheres no âmbito público, se constituindo como um espaço legítimo para apresentação do cotidiano. Segundo as autoras, por sua característica instrutiva, a mídia foi capaz de moldar o entendimento de mundo e direcionar ações no âmbito social, o que se tornou imprescindível para o crescimento e fortalecimento da mulher na imprensa, tendo em vista as reconfigurações sociais possibilitadas a partir da escrita feminina.

No entanto, é importante lembrar que a escrita feminina ultrapassa a fronteira mulher/mídia, tendo em vista que não se pode contar os primeiros escritos a partir das primeiras publicações assinadas por mulheres. Antes que elas viessem à tona no espaço público, nesse caso na imprensa, ainda conservavam no âmbito privado os seus textos em uma ação de autopreservação pela condição em que viviam.

A “escrita privada”, como cita Jinzenji (2012), refere-se à prática que poucas mulheres na sociedade do século XVIII puderam submeter-se, no que diz respeito a troca de correspondências entre familiares. Nesse período, a autoria feminina e o hábito da leitura ainda eram pouco disseminados entre as mulheres – na concepção social –, o que faz com que esse tema ainda tenha muitas lacunas historicamente. Mesmo

assim, esse exercício feminino avançou e passou a concentrar-se na esfera literária, sendo utilizado principalmente na educação, antes que chegasse à imprensa.

Magalhães e Alvarez (2014) levam em consideração a entrada definitiva da mulher na imprensa como ponto crucial para o desenvolvimento do jornal, o que trouxe mudanças para o cenário que já estava bastante modificado, tanto em relação ao seu *modus operandi*, quanto nas definições ideológicas, praticadas nos meios de comunicação de massa.

Sendo assim, o ingresso e participação da mulher na imprensa pode ser considerado como uma renovação na comunicação. Esta, por sua vez, faz parte de um processo social, político e econômico que não se deu de forma espontânea.

Segundo Casadei (2011), a presença da mulher na literatura e na imprensa pode ser comprovada graças às heranças materiais em arquivos jornalísticos, provas escritas da atuação de mulheres na imprensa alternativa. Nesta trajetória, utilizaram dos mecanismos da comunicação para estimular mudanças no imaginário social e se autoafirmarem na esfera pública.

De acordo com Silveirinha (2012), o trabalho de maior destaque no período histórico das mulheres, no fim do século XIX e início do século XX, foi o entrave da produção sobre causas sociais e políticas, como escritoras anônimas.

Mesmo transmitindo sua mensagem com estilo único, capaz de conquistar leitores, eram rechaçadas. Até as mais conservadoras escritoras sofriam a “marginalização” dentro das redações, após a eclosão feminina no âmbito público.

Os espaços concedidos a elas nas redações eram diferentes dos demais jornalistas, o que reflete uma segmentação dessa escrita na imprensa. Isso influía nos temas que abordavam no jornal, fazendo com que a escrita feminina se tornasse uma “subatividade” em detrimento à masculina. Dessa forma, esclarece Ventura (2014, p. 13), “os temas

do feminino são considerados menores e têm como consequência a descredibilização ou memorização de quem os produz”.

Entretanto, essa condição foi duramente rejeitada pelas mulheres que travaram uma luta contra esse tipo de segregação. Isso uniu as escritoras na exigência pública por um tratamento de igualdade, tanto em relação aos textos publicados, quanto ao trato pessoal nas redações. Nesta fase, as mulheres que escreviam em cadernos “para mulheres” passaram a escrever histórias de pessoas inspiradoras, contornando a imposição de escrever apenas conteúdos “femininos”.

Apesar do avanço na escrita, a desigualdade de gênero era cada vez mais evidente, principalmente porque o público feminino, e consequentemente a sua produção, ainda estavam sujeitos ao crivo masculino. Podemos afirmar, então, que a escrita se torna “um lugar de legitimação e de domínio”, segundo Tedeschi (2016), sobretudo quando damos atenção ao processo de escrita da história.

Os homens que detinham o letramento – geralmente os escritores e historiadores – puderam explorar de maneira hegemônica o uso dos símbolos e representações para legitimar o seu discurso diante das narrativas. Mas, depois, as mulheres tomaram esse espaço trazendo um novo olhar e um conjunto de problematizações para essa prática, modificando a lógica de dominação e transcendendo o silenciamento feminino, a saber:

Durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista. Mesmo assim, o discurso hegemônico do patriarcalismo não conseguiu abafar determinadas vozes, principalmente de algumas mulheres insatisfeitas com o rótulo de o “segundo sexo” e que, por isso, não se submeteram à subordinação. Por causa, dentre outros fatores, das tentativas de subversão à

ordem do pai, a integração de mulheres/escritoras no universo da escrita foi marcada por uma trajetória bastante dolorosa (TEDESCHI, 2016, p. 155).

Podemos compreender a escrita como um processo puramente social, em um movimento que legitimou a entrada das mulheres nos espaços públicos. Esse percurso está relacionado com algumas questões, mas principalmente por um desejo das mulheres em se expressarem, dada a sua condição de silenciamento; de questionarem seu papel diante do social, em detrimento ao papel do homem; e de participarem das discussões sociais como agentes relevantes.

Esse silenciamento custou às mulheres a “autonomia e a subjetividade necessárias para à criação, consequência da manipulação, do controle da palavra e da escrita” (TEDESCHI, 2016). E, para além disso, fortaleceu a manutenção de poder sobre esse grupo, garantindo a permanência de um imaginário social estabelecido na história escrita por homens.

Isso reproduziu ao longo dos séculos uma “memória implacável, imóvel, endurecida e controladora” do conhecimento, dificultando que as mulheres tivessem acesso às ferramentas do pensar, escrever e narrar a sua própria história.

Quer dizer, a escrita feminina é por si só uma ferramenta de enfrentamento aos desígnios impostos pela sociedade que, no avançar dos séculos, passa a ter outro sentido social: o de luta e resistência. Essa escrita reconfigura a produção literária sobre o cotidiano, trazendo um senso crítico aos textos desde o princípio dessa prática, que se dava no âmbito privado. Além disso, afirma Sant’Anna (2006), esta prática possibilitou o registro histórico de uma cultura literária feminina, sendo essa responsável pelo avanço das mulheres no espaço público.

Sem contar que esse processo reelaborou os discursos masculinos em consequência de uma representação mais aproximada da realidade. Dessa forma, a escrita feminina se tornou indispensável para a constituição da história das mulheres, se consolidando como uma

ferramenta importante para estudos das ciências sociais, principalmente para os estudos de gênero, da literatura e da historiografia.

Ademais, os estudos literários, no que se referem ao campo da linguagem e do discurso, perpassam sobre essa temática, não simplesmente como uma maneira de desvendar os fatos ocorridos no passado, mas o que esses acontecimentos implicavam dentro de um contexto social e subjetivo, fazendo da escrita uma prática de produção de sentidos.

Fontes de investigação “não-oficiais”, nesse caso a imprensa, serviram como material de pesquisas sobre a história das mulheres, resgatando o desempenho delas na trajetória como escritoras. Nesse caso, a imprensa se torna uma importante base de dados e é indicadora de uma presença feminina, não somente pela representação, mas principalmente pela atuação como indivíduos igualmente capazes de narrar os acontecimentos.

Portanto, os escritos femininos publicados na imprensa contribuíram para o fortalecimento da literatura feminina e para uma releitura das narrativas históricas, preenchendo as lacunas e desconstruindo o discurso da história oficial, que deixa em segundo plano a atuação feminina em momentos importantes da linha do tempo dos séculos.

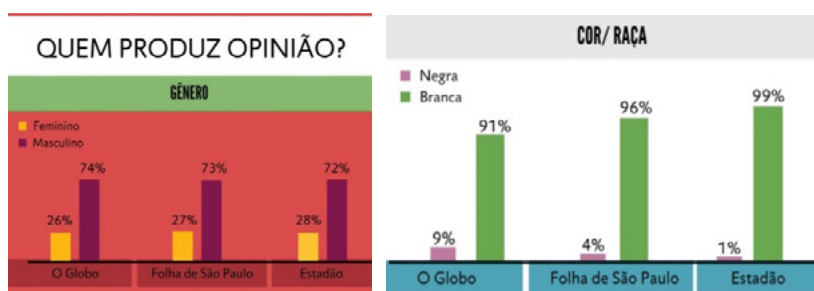
No século XXI, as mulheres escritoras que atuam na imprensa ainda configuram um número em constante crescimento, se tornando maioria em diversas funções jornalísticas. Mas na categoria de opinião não aparecem com uma porcentagem expressiva, se comparado ao número de homens que escrevem nesse eixo. Esse espaço da escrita nos jornais corresponde a um ambiente majoritariamente masculino, onde as mulheres disputam um ambiente de discussões sobre o cotidiano.

O Grupo Gema (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) realizou uma pesquisa sobre gênero e cor/raça das colunistas nos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Estadão*. O estudo divulgado em 2016, com monitoramento permanente desde 2014, constatou que os números não chegam a 30% da quantidade de profissionais homens que ali atuam, e

se considerado a cor da pele, não alcançam nem 10% de mulheres, em relação ao número total responsáveis pelos espaços de opinião.

Estes dados revelam o contraste com a quantidade crescente de mulheres que exercem a profissão de jornalista, representando dois terços da categoria, segundo o *Perfil do Jornalista Brasileiro*, publicado por Mick e Lima (2013). Esses dados são preocupantes e evidenciam a necessidade de debatermos esse tema.

**Imagem 1** – Gráficos dos resultados quantitativos da pesquisa do Grupo Gema



Fonte: site de publicações do grupo Gema <http://gema.iesp.uerj.br/publicacoes/infografico/infografico7.html> Acesso em: 18 de Abr de 2020.

A presença feminina na imprensa, principalmente quando retratada em espaços de destaque, ainda está relacionada às disputas simbólicas. Isso se caracteriza pela discrepância dos números em relação às profissionais mulheres nos espaços de poder.

Segundo Azevêdo (2011), essa entrada feminina no campo midiático evidencia uma tentativa de ocupar e permanecer na esfera pública. Consequentemente, consolidam a legitimidade do discurso feminino através da produção de sentidos sociais, gerando um capital social.

Além de falarem sobre o seu próprio cotidiano e contestando práticas sociais naturalizadas, geram um movimento na mídia de “formação dos discursos que produzem as representações de gênero enquanto experiência dinâmica capaz de produzir mudanças na percepção de determinados fatos sociais” (AZEVEDO, 2011). Assim, a imprensa, a crônica

e a escrita se constituem, ao longo dos séculos, em um lugar de fala e representação.

## **2.2 O lugar de fala e representação da escrita feminina**

Hoje, podemos considerar que a escrita feminina representa um lugar de fala onde as mulheres podem expressar seus discursos e questionamentos. Assim como escrevem sua visão em relação a determinados temas e acontecimentos, espelham a si mesmas nesse processo de auto inscrição. Mas, assim como na inscrição da história oficial, as mulheres ficaram de fora das narrativas divulgadas, configurando um movimento de silenciamento e afastamento dos espaços públicos.

É importante entendermos como esse silenciamento afetou a aparição de escritos femininos antes do processo de entrada das mulheres na imprensa. Ao longo do tempo, o propósito da escrita foi transformado em uma necessidade pelo dizer e significar. Isso atribui a esta prática uma função não meramente denotativa, mas de sentidos, que nos remete aos discursos emergentes dessa omissão. Nesse caso, a lacuna deixada na história oficial e o silêncio falam.

De acordo com Certeau (1982), a construção de uma linha historiográfica perpassa por uma relação do saber e do dizer, onde os agentes se modificam, evoluem ou desaparecem na medida em que um fala e o outro silencia. Esse vínculo problematiza as interpretações possíveis da história, onde o lado silenciado se torna um objeto a ser visto, descoberto e analisado, segundo um espaço linguístico e temporal.

Os discursos sobre o passado estão em função dos novos discursos escritos no “presente”, tornando-se objetos em detrimento às decisões do outro, demarcando suas rupturas e reorganizando as informações a serem interpretadas.

Assim, a escrita feminina se mostra essencial para gerar novas representações da realidade, que posteriormente vão preencher as lacunas deixadas na história oficial. Essa linguagem em movimento,

segundo o autor, surge a partir de produções discursivas dos vazios constantes, que interferiram no processo de interpretação da história.

A escrita aqui vem representar um lugar no tempo (e um dizer), que mesmo que não seja completamente compreendido (para a interpretação dominante), existe e resiste em função de preencher e fortalecer os discursos das mulheres, que ainda é muito negligenciado dentro desse contexto.

Este procedimento paradoxal se simboliza e se efetua num gesto que tem ao mesmo tempo valor de mito e de rito, a escrita. Efetivamente, a escrita substitui as representações tradicionais que autorizavam o presente por um trabalho representativo que articula num mesmo espaço a ausência e a produção. Na sua forma mais elementar, escrever é construir uma frase percorrendo um lugar supostamente em branco, a página (CERTEAU, 1982, p. 17).

Podemos considerar, então, que a escrita se torna um lugar, onde os discursos se estabelecem e se transformam ao longo do tempo. Quem a detém, é capaz de modificar seu ambiente em função de um desejo pela mudança, pelo saber e pelo dominar.

Sendo assim, a escrita foi e é uma ferramenta para “instauração de campos próprios” de novos cenários e significados. A partir do momento que as mulheres tomaram posse dessa prática e a consolidaram, passaram a existir nesse “lugar”.

Antes, porém, da institucionalização da escrita para o público feminino, as mulheres detinham o silêncio, onde nos bastidores emergiram lentamente à luz do saber e das palavras. Esse processo mostra o condicionamento delas a uma cultura patriarcal. Assim também foi na escrita, na cultura e na vida e isso influenciou diretamente na elucidação e interpretação da história das mulheres.

No entanto, quando se trata de história oficial, queremos dizer que é a história escrita por homens, uma “história científica”. Neste recorte só há um tipo de interpretação dos fatos, não tendo espaço para um

discurso de “perdedores” ou “oprimidos”, como é o caso da história das mulheres e dos negros, por exemplo.

Esses discursos foram produzidos em um contexto próprio, em que o fazer história estava diretamente relacionado ao “objeto produzido” e a um “ato produtor”. Isso evidenciou a visão dos sujeitos produtores da história (os homens), em detrimento a uma realidade analisada.

A escrita da história, e seus consequentes discursos, foram comprometidos a um único viés de leitura dos acontecimentos. Este cenário só começou a ser modificado a partir da incidente disputa das mulheres por uma voz no espaço público. Entretanto, vale ressaltar que este debate não está posto entre dois polos discursivos – o bem e o mal.

Assim como Certeau (1982), consideramos que esta reflexão se pauta na própria escrita e nos discursos produzidos, que nos remete a uma realidade em específico, e a produção de uma linha discursiva, que conecta o saber e o dizer a uma prática social.

O espaço do discurso remete a uma temporalidade diferente daquela que organiza as significações de acordo com as regras classificatórias da conjugação. A atividade que produz sentido e que instaura uma inteligibilidade do passado é, também, o sintoma de uma atividade sofrida, o resultado de acontecimentos e de estruturas que ela transforma em objetos pensáveis, a representação de uma gênese organizadora que lhe escapa (CERTEAU, 1982, p. 54).

Dessa forma, a escrita da história está marcada por algumas questões pertinentes, apesar do silenciamento e das lacunas nos discursos. Ela pode ser reconhecida a partir da identificação das ideologias no contexto em que se passa; ao movimento que conecta à prática da interpretação da história à da escrita; e pelo processo de compreensão social que reconhece a história como uma ferramenta a ser utilizada em um lugar, para uma prática social que gera discursos.

Relacionando essas questões à escrita feminina, compreendemos que apesar das mulheres estarem sujeitas ao movimento de silenciamento,

que pode acontecer de diversas formas, os discursos dominantes não impediram a descoberta pública das posições “dominadas” da sociedade.

A questão do discurso, nessa perspectiva, traduz o que Certeau (1982) chama de “processo de significação”, que vai preenchendo o “sentido da história”.

[...] a produção do sentido, é indissociável, em história, do seu lugar e de um objeto: o lugar é, através dos procedimentos, o ato presente desta produção e a situação que hoje o torna possível, determinando-o; o objeto, são as condições nas quais tal ou qual sociedade deu a si mesma um sentido através de um trabalho que é também ele, determinado. A história não é uma crítica epistemológica. Ela permanece um relato. Conta seu próprio trabalho e, simultaneamente, o trabalho legível num passado. Não o compreende, no entanto, a não ser elucidando sua própria atividade produtiva e, reciprocamente, compreende-se a si mesma no conjunto e na sucessão de produções das quais ela própria é um efeito (CERTEAU, 1982 p. 52).

Esses efeitos se dão em um contexto entre “o dizer e o fazer”, onde os discursos concernentes à escrita das mulheres se encontram com esta prática social, que é pertencente aos sujeitos envolvidos.

Esta *práxis* não é influenciada pelo grupo social dominante, que impõe o seu lugar na história oficial. Mas, por sua vez, dá prioridade a uma história que privilegia “continuidades” e perpetua “uma ordem já estabelecida”, desfavorecendo os discursos que provêm de uma produção que segue na direção oposta.

Neste sentido, a escrita feminina atua como uma ruptura, fruto de uma ação coletiva, que tem o objetivo de intervir, direta ou indiretamente, no processo de uma nova “inteligibilidade histórica”.

Simbolicamente, as mulheres perpassaram esses discursos dominantes, fazendo da sua própria produção de sentidos um “fazer pelo dizer”, quebrando o silenciamento histórico e invertendo a ordem estabelecida. Transformam também a prática social da escrita,

destacando o sujeito e a sua posição no “lugar” histórico, em detrimento dos discursos que pairam o passado.

Dessa forma, passaram a conectar o “ato produtor” e o “objeto produzido” em uma única e exclusiva prática, sendo sua “testemunha frágil” e ao mesmo tempo sua “crítica necessária” (CERTEAU, 1982).

Agora as mulheres saem de um “não-lugar” para um “lugar”, cuja produção sociocultural, política e econômica perpassa por uma organização própria, um código interno que regulamenta esse novo “posto de observação”. Ultrapassam o “não-dito” pelo “dizer e significar”, subjetivando a história objetiva, em um movimento de “dissolução do objeto”, como cita Certeau (1982), que remete a uma “relatividade histórica” e sugere novas interpretações.

A partir deste ponto de vista, observa-se as mudanças sociais visíveis em questões ideológicas, discursivas e práticas na sociedade, advindas deste debate nas páginas dos jornais.

A mulher passa a promover a sua própria liberdade, fazendo da escrita uma “quebra” dos discursos dominantes. O “lugar” da mulher incorpora, neste instante, uma nova forma de produção, veiculação e interpretação da história, caracterizado por esta nova linguagem discursiva.

A escrita feminina alcançou lugares importantes a partir de sua consolidação na esfera pública, que tornou possível transformar essa produção em uma inscrição social. Essa construção do real possibilita uma nova interpretação do cotidiano, a partir da organização de ações sociais, que traduzem um objetivo em comum: uma representação positiva, que possibilite melhorias em todos os setores onde a mulher se encontra em desigualdade.

A dinâmica e a diversidade desse pensamento social coletivo remetem ao conceito da Teoria das Representações Sociais, apresentado por Arruda (2002), que esclarece como essa organização de códigos se dá dentro de uma estrutura científica e consensual de produção de sentidos.

Essa prática está inserida em uma linguagem científica, mas também habita no senso comum em busca de novos entendimentos desse campo

do saber tão vasto. Na medida em que as mulheres escrevem e passam a publicar os textos, se tornam parte de um “processo” e, ao mesmo tempo, se transformam em “produto” de sua própria representação.

Segundo a autora, todos os códigos, linguagens e discursos estão impressos nessa escrita, caracterizando um “dizer coletivo”. Esse dizer procura evidenciar e reconstruir conceitos desse público, considerado “objetos subvalorizados” pelo discurso científico. Esta forma discursiva descontextualiza o “sujeito social” de sua realidade atual – assim como foi para a história oral – interpondo extremos entre o “bem *versus* o mal”, o “objetivo *versus* o subjetivo”, o “científico *versus* o senso comum”.

Essa produção de sentidos, que tem ligação com o simbólico e com a memória social feminina, disputa espaços de poder com os discursos dominantes. Esses espaços são conquistados pelas mulheres ao longo dos séculos e cada vez mais se utilizam dele para reconfigurar suas representações, através de uma nova inscrição do real.

A mulher nesse contexto é, ao mesmo tempo, “sujeito” e “objeto” de uma representação, modificando a si mesma nesse processo de produção de sentidos (sentidos esses que podem ser traduzidos como resultantes das ações e transformações sociais).

As condições de produção da representação afirmam com veemência a marca social das representações, assim como seu estatuto epistemológico marca a sua função simbólica, e os processos e estados, o seu caráter prático. Vemos dessa forma como a representação social encadeia ação, pensamento e linguagem nas suas funções primordiais de tornar o não-familiar conhecido, possibilitar a comunicação e obter controle sobre o meio em que se vive, compreender o mundo e as relações que nele se estabelecem (ARRUDA, 2002, p. 142).

Então, é a partir da escrita que as mulheres pluralizam as visões sobre os acontecimentos e se consolidaram como protagonistas de suas próprias histórias, narrando sob seus códigos e linguagens, os contextos

que estão circunscritas e vendo, a partir desse trabalho, resultados que elevam e consolidam a atuação e representação do feminino nos espaços públicos.

Este olhar, que parte de uma perspectiva mais subjetiva, tem conexão com a condição social das mulheres. Esta condição interpretada nos revela uma abertura crítica, que é baseada em experiências que, por questões de desigualdades de gênero, se tornam totalmente diferentes das dos homens.

É justamente nesse contexto que se encontra a pertinência, entre outras muitas razões, da importância dessa pluralidade, que expõe uma “cultura específica” relacionada a um “saber local” e justifica a ação feminina dentro de um contexto de discursos dominantes.

Essa prática social perpassa por categorias subjetivas, através dos filtros próprios, da experiência de vida e percepção de mundo. Dessa forma, a escrita feminina passa a ser considerada como um discurso do “senso comum” e, posteriormente, como fonte de um saber que reconfigura as formas de olhar para o mundo.

## **2.3 A crônica e a expressão subjetiva do feminino**

A crônica se mantém como forte aliada para a construção de uma visão específica dos fatos, que no caso da escrita feminina, abarca as questões e experiências pertinentes ao universo das mulheres cronistas, se tornando uma rica fonte de estudos historiográficos e de gênero, para a elucidação da trajetória feminina na imprensa.

A presença da subjetividade e das escritas de si nas crônicas refletem a relação das autoras com essa prática social. Mas será que podemos atribuir à crônica – ou à própria escrita – uma categoria de gênero? De acordo com Corde (2013), a experiência subjetiva relacionada à escrita projeta um saber e constrói um espaço para as mulheres, ao tempo de elaborarem um novo tipo de conhecimento, onde se tornam presentes dentro dos enunciados.

Essa “literatura” é um recurso importante para analisar o lugar do sujeito na produção do conhecimento específico, já que as experiências, percepções e questionamentos dos indivíduos estão impressas nesse processo de construção.

A subjetividade, nesse caso, também se torna um lugar onde as escritoras passam a interpretar “realidades sociais”, de forma a produzir enunciados no meio sociocultural, estando elas dentro desse mesmo contexto. A produção das narrativas das crônicas facilita esse processo, já que para a construção de uma realidade interpretada requer uma figura que desempenhe o papel de sentinela, uma personagem que observa e tece suas considerações no decorrer dos acontecimentos.

As mulheres se transformam em testemunhas vivas e participantes dessa realidade, e disputam com outros discursos um “poder simbólico” sobre a leitura de seu próprio cotidiano. Esse processo vai de encontro direto com o discurso científico, que discute a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade social, que se divide em campos epistemológicos distantes.

Entretanto, ao refletir esses enunciados na escrita, a subjetividade pode ser usada como um “estilo objetivo” de um determinado discurso, contanto que essas tendências enunciativas “permitam deixar índices para explicitar as condições da produção dos saberes desenvolvidos” (CORDE, 2013).

Essas características perpassam o âmbito da linguagem, onde as escritoras vão utilizar elementos como pronomes pessoais, nítidas “operações enunciativas” como avaliações e reflexões críticas do real, emissão de uma “opinião” (no contexto jornalístico), para construir a sua subjetividade no texto.

Para além das questões puramente “sensoriais”, no campo simbólico, a subjetividade aparece em elementos discursivos, pertinentes ao âmbito das relações de gênero e do cotidiano, debatidos nas crônicas.

As cronistas mantêm sua escrita conectada a um olhar depurado, descrevendo e ampliando suas dimensões discursivas, extraindo daí toda uma concepção de um tempo e espaço. Dessa forma, não se pode

conceber a ideia de uma linguagem neutra, mas sim uma ferramenta de expressão, uma tecnologia usada pelas mulheres para o debate de uma “reflexão poética da vida social”.

Essa tarefa de captar as sutilezas, as emoções e a vivacidade do cotidiano transformam a crônica (assim como todo texto literário) em uma ação puramente antropológica de descrever e analisar os fatos recorrentes que são publicados na imprensa.

Considerando que a expressão da linguagem é precedente do pensamento – já disse Foucault (1969) – a prática da escrita se torna um ato de “ensaiar e ensaiar-se”, fazendo referência à obra, mas também ao autor. Isso evidencia, a partir desse pressuposto, uma narrativa da subjetividade pela experiência do escritor.

Essa análise, que não é pautada apenas nos eventos sociais, mas também em um estudo do sujeito e sua história, a partir de seus discursos, efetua-se na constituição de uma genealogia para uma “concepção do eu”, segundo Foucault (1969).

Assim, a crônica e a escrita feminina, baseadas no reconhecimento da história das mulheres, acabam por instaurar um “perfil”, por assim dizer, que reconta as práticas, os enunciados e as escritas de si, relacionando o autor diretamente a sua obra anunciada.

Por isso, consideramos que a prática da escrita exercida pelas mulheres se constitui como uma produção de sentidos puramente feminina. Ela perpassa através da experiência deste público, imprimindo uma identidade individual nas formas de ver e interpretar o mundo. Mas como analisar estes elementos subjetivos?

Para o cientista social, o ponto referência de observação é o “campo-sujeito”, como cita Thompson (2011). Esse conceito diz respeito a uma conexão entre o sujeito e seu cotidiano em movimento, com suas relações sociais estabelecidas, em função de seu interesse de compreender a si próprio e aos outros ao seu redor, como esclarece:

Em outras palavras, o objeto-domínio da pesquisa sócio-histórica é um campo pré-interpretado em

que os processos de compreensão e interpretação se dão como uma parte rotineira da vida cotidiana das pessoas que, em parte, constituem esse domínio. O caráter pré-interpretado do mundo sócio-histórico é uma característica constitutiva que não tem paralelo nas ciências naturais. Na consecução dessa pesquisa sócio-histórica, procuramos compreender e explicar uma série de fenômenos que são, de algum modo, e até certo ponto, já compreendidos pelas pessoas que fazem parte do mundo sócio-histórico; estamos procurando, em poucas palavras, reinterpretar um domínio pré-interpretado (THOMPSON, 2011, p 33).

Nesse entendimento específico, Thompson (2011) traz à tona orientações metodológicas, daquilo que ele chama de “referencial metodológico da Hermenêutica da Profundidade”. Este percurso orienta o pesquisador a uma adequada reinterpretação da produção de sentidos ou das condições sócio-históricas, centro deste estudo.

Para obtermos uma interpretação satisfatória do *corpus*, seguimos os passos citados pelo autor para compreender o “campo-objeto” dessa pesquisa, que é a crônica feminina na imprensa paraibana. Para tal, o autor (p. 34) determina três fases para essa observação.

A primeira fase diz respeito à “Análise Sócio-histórica”, que se interessa pelo contexto social e histórico sobre o qual o objeto está inserido. Além disso, avalia a produção simbólica relacionada aos fenômenos sociais, decorrentes desta linha do tempo estabelecida.

A segunda etapa se refere à “Análise Formal ou Discursiva”, que faz referência a compreensão simbólica direta dessas produções de sentido e conecta a subjetividade ao contexto social, dialogando com os símbolos e seus significados dentro de uma realidade sócio-histórica.

O terceiro e último passo tem a ver com a “Interpretação ou Reinterpretação do Campo-objeto”, que faz menção à “explicação criativa” do que é dito ou representado nesse contexto, a partir dos discursos resultantes das outras fases de análise do objeto foco da investigação.

Isso quer dizer que demos enfoque à “explicação criativa” e à “compreensão simbólica”, fazendo referência ao contexto social/histórico onde essas mulheres se inserem. Nosso objetivo foi entender como a produção de sentidos estabelece ligações com a subjetividade da escritora, pensando o seu cotidiano, as questões de gênero que perpassam suas vidas e as escritas de si, que faz referência ao próprio entendimento do simbólico nas produções.

A partir dos debates teóricos sobre questões que permeiam a escrita feminina e a história das mulheres na imprensa, nos pautamos na observação da trajetória de vida na imprensa das escritoras Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima. Construímos esta cartografia a partir de três ângulos importantes para esta discussão: o quesito *gênero, cotidiano e escritas de si*.

---

### 3 Ana Adelaide Peixoto e a semiótica dos espaços

*“Eu não tenho a pretensão de fazer uma revolução no mundo, mas se consigo afetar um quarteirão, já está de bom tamanho. Então, se quiser falar do mundo, fale da sua casa, já dizia Tolstói” (PEIXOTO, 2018).*

Ana Adelaide Peixoto nasceu em 22 de janeiro de 1954, em Fortaleza, no Ceará. Seus pais, Romero Peixoto (*In memoriam*) e Terezinha Peixoto, foram incumbidos da missão de cuidar de quatro filhas. Recém-casados, receberam um convite para mudarem-se para a cidade de João Pessoa, na Paraíba, onde viveram poucos meses.

Devido às circunstâncias, outra mudança foi planejada. Desta vez, a cidade do Rio de Janeiro era o destino. Viveram pouco mais de um ano, quando voltaram para João Pessoa novamente. Dessa experiência, Ana Adelaide não lembra, já que na época era apenas um bebê. Mas passou a desenvolver uma memória afetiva a partir de sua vivência na cidade mais oriental das Américas.

A minha lembrança começa na rua Visconde de Pelotas, ali na frente do Palácio do Bispo, que foi a casa que morei depois disso. Ainda tenho lembranças muito vívidas de quando eu tinha três anos de idade. Acho uma coisa prodigiosa da memória, porque normalmente as pessoas não se lembram. Mas eu lembro da linha do bonde, lembro indo para catedral com a minha mãe. Uma vida bem no centro familiar, aquela vida em João Pessoa, do final dos anos 50 (PEIXOTO, 2018).

Algumas experiências marcam a sua infância, como morar em vários bairros da cidade, brincar de esconde-esconde, de escolinha, de voleibol com as crianças na rua ou de miniteatro. Essas vivências fazem parte do imaginário da maior parte dos adultos, cujas lembranças foram

eternizadas em sua crônica “Se essas casas fossem minhas!!!”, publicada no livro *Brincos, para que te quero?*.

O *ballet* veio aos dez anos. Tinha permissão para ir às aulas sozinha, de ônibus, rumo ao Teatro Santa Roza. Também estudou música no Conservatório da cidade, prática incentivada pelos anos de estudo na Escola Nossa Senhora de Lourdes (Lourdinhas). Este ponto marca o encontro de Ana Adelaide Peixoto com as Artes.

Seu interesse pela leitura surgiu também neste período. A jovem teve acesso a jornais, revistas e histórias em quadrinhos desde a infância, graças ao seu pai. Outra atividade inesquecível foi andar de bicicleta. Por causa disso, frequentou diversos espaços e dimensões, dos quais guardou as lembranças para si, com uma habilidade de memória fotográfica.

Eu morava na Praça da Independência, então, me largar naquela praça com dez anos de idade... Você imagina, uma menina desaparecia na rua de bicicleta, na praça, né? Mas, imagina se hoje você pode fazer isso. Nós éramos criados muito livres, mesmo antes. Depois da praça, na Camilo de Holanda, eu adorava rodear o quarteirão, nas calçadas quebradas. Então, a bicicleta para mim foi uma brincadeira muito importante porque era uma liberdade estúpida e o meio de locomoção para você sair de casa (PEIXOTO, 2018).

Na adolescência, seu *hobby* era ouvir radiola. Nada a interessava mais do que os clássicos como *The Rolling Stones*, *The Beatles*, mas também Roberto Carlos e Caetano Veloso. Levava horas a fio nessa atividade. Outro hábito era ver fotonovela e assistir TV. Dessas atividades surgiram algumas paixões de Ana Adelaide: a língua inglesa e o cinema.

Eu era uma criança mais quieta e adorava ouvir rádio. A minha mãe reclamava porque eu me sentava junto do rádio e ficava lá. Cheguei a ver televisão quando tinha doze anos de idade; até hoje sou encantada. Todo mundo critica, todo mundo fala, e eu fico muda para não ser apedrejada (risos). Lembro do dia que apareceu a *TV Tupi*, os grandes festivais de música,

os movimentos políticos, as novelas, enfim. Às vezes, quando eu vejo os artigos e reportagens de quem fez TV, eu penso: eu acompanhei aquilo tudo, então sou uma história ambulante da TV brasileira, porque eu assistia (PEIXOTO, 2018).

Nas férias escolares frequentava o engenho de suas primas, no interior da Paraíba, ou as praias próximas à João Pessoa. Desde cedo aprendeu a explorar os espaços, graças a uma “liberdade” fruto da confiança de seus pais. “Não podia usar biquíni de lacinho”, afirma. A preocupação sobre as proibições sociais uniu Ana Adelaide e suas irmãs contra as ideias impostas.

Ir à praia era um acontecimento. A gente ia de ônibus, nas férias, com a toalha amarrada na cintura. Então, não tinha essa... A lógica da praia de hoje é muito diferente. Não achava problema nenhum fazer certas coisas, usar minissaia, usar biquíni de lacinho, porque isso no meu tempo muitas amigas não usaram. Os pais não deixavam e eu não entendia isso. Meu pai foi pai de quatro mulheres e no começo ele chiou. Quando viu, estavam as quatro de biquíni de lacinho. Então, ele perdeu para maioria e nós o conquistamos. Eu gostava muito de praia e isso vem comigo até hoje, embora a praia hoje ocupe um lugar diferente; não sou mais de ir para praia para ficar deitada, mas gosto da praia, de saber que está ali. Adoro contemplar o mar, amo ver lua cheia, caminhar na praia, esse tipo de coisa trago até hoje (PEIXOTO, 2018).

Aos quinze anos iniciou um relacionamento amoroso com Flávio Tavares, artista plástico paraibano, com quem casou posteriormente. Por essa condição, Ana Adelaide viveu na presença de pessoas influentes socialmente, entre eles pintores renomados, jornalistas e literatos. Foi o primeiro contato da jovem com a imprensa e a sociedade artística. Essa aproximação com a imprensa oportunizou a sua entrada na imprensa como cronista.

Outro fator importante na vida da escritora foi a sua dedicação no aprendizado do inglês. Estudou até os seus dezessete anos em uma escola de idiomas da cidade, experiência que a levou a um intercâmbio de sete meses na cidade de Columbus, em Ohio, nos EUA

Era uma cidade grande e tinha um comércio maravilhoso, com as melhores universidades, com pessoal de *jeans* rasgado, cabelo grande, fumando macinha no meio da rua. Então, imagina, você saindo da Lagoa, de uma cidade provinciana, em plena época da Ditadura, em 1971, e cair de paraquedas em um lugar desse, com -15°C de temperatura no inverno e neve por todo canto. Naquela época eu só conhecia uma pessoa que tinha ido para o outro lado do mundo, então aquilo me seduzia e eu arregalava os olhos. Me lembro do filme 'Razão e sensibilidade', do romance de Jane Austen. A irmã mais nova tinha uma casa construída na árvore e ela adorava desenhar mapas porque ela queria conhecer os mundos. Eu ouvia aquelas músicas árabes no rádio e aquilo tinha uma sensação de mundo, de viajar, de conhecer (PEIXOTO, 2018).

Essa experiência teve um impacto importante na sua vida, tanto em relação à concepção pessoal, quanto global. Suas habilidades foram aguçadas, incluindo uma sensibilidade para perceber os detalhes da vida cotidiana, que neste contexto, eram diferentes daquilo que estava acostumada. Este fato foi revelado nas cartas que escreveu para a família, único meio de comunicação disponível. Ali passou a esmiuçar os sentimentos, o clima, a atmosfera dos ambientes, as saudades. Foi a primeira experiência com a escrita.

Ana Adelaide graduou-se no curso de Letras-Inglês na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). "Tem sido o inglês desde o início da adolescência", afirmou. A formação foi importante para aproximá-la, não apenas da língua, mas também da literatura. A sua intenção de escrita se modifica a partir disso. Após a conclusão da graduação, se especializou em língua inglesa e literatura norte-americana.

Dez anos depois, em 1983, ingressou no mestrado em Letras pela UFPB, onde pleiteou uma bolsa sanduíche para estudar na Inglaterra. Estudou por nove meses na *University of Warwick* (UK), no Reino Unido, entre os anos de 1986 a 1987, uma fase da vida bastante desafiadora para Ana Adelaide Peixoto.

Eu sempre tive um pé no mundo, mas nada foi muito fácil. Foi difícil, porque me casei muito jovem. O ideal era você começar a estudar, depois você se apaixona, depois se casa, depois você tem filho. Mas na vida nada é organizado assim e quando as coisas me surgiam foram fora de hora, vamos dizer assim. As coisas vinham fora de hora e eu tinha que escolher. A escolha é um problema na vida das mulheres, a gente sempre tem que está escolhendo algo em detrimento de outras coisas e tudo torna as coisas difíceis: maternidade, casamento e realização profissional (PEIXOTO, 2018).

Devido à falta de comunicação e a saudade do filho, Ana Adelaide desenvolveu depressão. Uma experiência profunda e solitária no velho continente lhe rendeu muita dor e autoconhecimento. Enquanto tinha que administrar os horários dos estudos, lidava com o sofrimento que era estar longe das pessoas que amava. Ela teve que procurar ajuda especializada para conseguir superar este momento difícil.

Então, as coisas para mim sempre foram muito difíceis emocionalmente e subjetivamente falando. Nada foi fácil, mas o sonho de estudar numa universidade inglesa era muito maior que qualquer outra coisa. Mas é aquela história: ‘você não faz uma limonada sem cortar os limões’. Não fui irresponsável, pelo contrário, sempre fui excessivamente responsável e por isso adoeci. Todas as minhas viagens foram transcendentais e mudaram a minha vida, tanto na língua, no meu *status* acadêmico e no meu conhecimento. Eu pude trazer livros da área que me especializei, que é a área das mulheres e que futuramente colaborou para a minha dissertação. Muitos anos depois fui fazer

meu doutorado nessa área que já estava envolvida (PEIXOTO, 2018).

De volta ao Brasil, Ana Adelaide passou a atuar na Secretaria de Educação, no órgão de cultura e comunicação do Estado. Entre os anos de 1977 a 1980, organizou festivais artísticos como o Festival de Artes de Areia. A partir desse trabalho, aprofundou seu conhecimento nas artes plásticas. Assim, desenvolveu uma leitura crítica sobre diferentes assuntos que concerne às artes, como cinema, música, artes plásticas e arquitetura.

Posteriormente, se tornou funcionária pública, atuando na reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde trabalhou desde 1980. Com uma vida acadêmica ativa, participou de diversos congressos e capacitações de sua área. Em 1988, obteve seu título de mestre.

Em 1992 ingressa como professora de Letras-Inglês na UFPB, com uma ascensão profissional gradativa que conciliou com a vida pessoal. Trabalhou por mais de 25 anos nesta função, atuando em áreas como literatura inglesa, subjetividade feminina, literatura e cinema e ficção moderna, a partir da obra da escritora britânica Virginia Woolf, que debatia o feminino e as desigualdades de gênero.

Eu tive que aprender a ir para o olho do furacão, porque dar aula é você estar no olho do furacão todos os dias, e para isso você tem que ter disciplina. O trabalho do professor exigiu de mim o triplo: ter que estar no olho do furacão, lidar com pessoas diferentes, com conhecimento, e ter cronogramas e ter prazos. O trabalho acadêmico me deu rumo e compasso (PEIXOTO, 2018).

Em um processo natural, desenvolveu sua escrita, a partir do âmbito pessoal, profissional e acadêmico. Entretanto, sua estreia na imprensa paraibana se deu em 1993. A sua primeira crônica foi publicada no jornal *O Norte*, direcionada ao seu pai, Romero Peixoto, que havia falecido. Uma

homenagem recheada de lembranças e saudades, intitulada “Romero, meu pai”.

Conhecia muitos jornalistas. Então, chamei o editor e disse: “Olha, será que se poderia publicar isso? É uma homenagem.” E ele publicou. Botava num disquete, em um CD, depois em um *pendrive* e assim levava no jornal *O Norte*. A jornalista Gorete Zenaide tinha um Caderno chamado Caderno Mulher e me pedia textos. “Ana, vai chegar o Dia das Mães, me dá um texto pro Dia das Mães!”. Era nesse modelo. No Dia Internacional da Mulher, era certeza! E, às vezes, eu mandava. “Gorete, fiz esse texto, tem espaço no Caderno das Mulheres?” Nessa época o diálogo já era por *e-mail*. Mas antes eu pegava meu carrinho do Bessa e ia até *O Norte* lá no centro da cidade, parava o carro não sei onde e ia entregar, com o *disquetezinho* na mão (PEIXOTO, 2018).

A partir deste acontecimento surge a crônica de Ana Adelaide, resultado da emergência de seus sentimentos e lembranças afetivas. “*Eu tinha 39 anos quando meu pai morreu, e até então nunca soube que eu sabia escrever para publicar*”, admite. Escrever foi uma consequência de toda sua vivência e experiência profissional, algo que ela não imaginava que fosse acontecer.

O contato com obras e textos literários aguçaram seus sentidos líricos e a fez desenvolver uma visão mais abrangente e crítica sobre esse campo do saber. Assim, novos horizontes se abriram para a literatura e a imprensa paraibana.

Então, foi uma coisa muito orgânica. Não foi uma coisa assim: vou escrever crônica! Descobri que estava escrevendo crônica muito tempo depois. Hoje minha crônica já é muito ambígua, ela é híbrida. Têm horas que escrevo artigo de opinião, têm horas que escrevo resenhas críticas de filmes, têm horas que começo falando de um filme como uma resenha aí me coloco dentro, cito um exemplo. Hoje, eu vou por aqui, por

ali e antes não tinha consciência disso. E, claro, chega uma hora que a universidade e também o trabalho de professor me abriram muitos caminhos para uma história na literatura, né? Eu estava preparando uma aula e lia um conto e aquilo me remetia à outra coisa, e quando eu me via já estava escrevendo (PEIXOTO, 2018).

Periodicamente, a escritora passou a lançar seus textos nos jornais da cidade como colaboradora voluntária. Esta atividade conciliava com outros trabalhos que desenvolvia na vida profissional, inclusive com o doutorado, cursado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a partir de 2004.

Os anos se passaram e já são quase trinta anos publicando crônicas na imprensa paraibana. Começou no jornal *O Norte*, passando rapidamente pelo *Correio da Paraíba* e *A União*, publicando no suplemento literário *Correio das Artes*. Posteriormente, com a entrada do jornalismo digital passou a publicar no site *WSCOM* e no semanário *O Contraponto*, se fixando mais recentemente ao jornal *A União*.

Comecei a escrever naturalmente como quem escreve uma carta, um bilhete, e quando me dei conta que aquilo era parte da minha vida já fazia muito tempo, e eu não me dava conta que aquilo era uma atividade profissional. Então, o fato de eu trabalhar com mulheres, escrita feminina, de frequentar os seminários ‘Mulher e Literatura’, de trabalhar com Literatura, foi me dando consciência de quem eu era, do que eu escrevia. Mas acho legal porque recebo muito retorno das mulheres e dos homens, então, fico muito feliz por conseguir me comunicar (PEIXOTO, 2018).

E a partir dessa trajetória foi se consolidando a crônica de Ana Adelaide Peixoto na imprensa paraibana, em um movimento que se inicia nos jornais e depois se fixa no campo da literatura. Seu corpo textual percorre todos os âmbitos de sua experiência de vida. Passa por uma

linguagem “ordinária”, capaz de descrever o cotidiano de uma maneira detalhada e simples, especialmente os elementos espaciais.

Suas temáticas decorrem de suas vivências no cotidiano, aparecendo como protagonista de sua vida e de sua escrita ao mesmo tempo. Ana Adelaide se autoanalisa na medida que analisa o mundo ao seu redor. O seu olhar crítico impacta diretamente o valor inferido nos textos publicados, como no exemplo da crônica *Óperas do Malandro & Os Pedacos de Mim*, publicada no jornal *A União* em 15 de novembro de 2017:

Já cantei e já chorei em crônicas sobre os meus anos 70/80. Anos de crescimento, vivências todas que uma jovem menina de 15 a 25 anos poderia viver. Conforme a música, os tempos estabanados de transgressões sexuais e comportamentos, e também sombrios, frente à política que vivíamos – a ditadura. Então, quando assisto filmes que falam dessa década, eu me entrego à memória própria, revivo visceralmente cada pedaço de dor e de delícia que me coube [...] (PEIXOTO, 2017).

As lembranças também são matéria-prima para a crônica de Ana Adelaide Peixoto, que mescla seu olhar espacial nas dimensões do presente e do passado, sem fazer com que isso se torne obsoleto em sua obra. Sua escrita perpassa pelas rotinas de professora, de mãe e de mulher. Outro aspecto único é a descrição do cotidiano da sua casa, do bairro, da cidade e dos espaços que frequenta, como o cinema, a praia e os livros que lê.

Você faz uma crônica sobre assédio lembrando o que a vida toda sofri nos cinemas. Então, você está querendo falar de você, dentro de uma experiência global ou nacional e você está contando uma experiência sua, dialogando com o movimento nacional das mulheres. Quando eu falo da minha primeira menstruação, eu estou falando de uma experiência de uma menina, do que aquilo provocou em mim, o tabu que era e querendo falar de algo que até hoje não se fala muito. Eu estou inserindo uma experiên-

cia pessoal, me mostrando para que aquilo venha ao povo, para que seja lido. Às vezes, falo de mim no almoço de Páscoa, que não vai ter interesses maiores, mas que eu estou relatando com certo humor, aí entro na área gastronômica, de repente falo que fiz um feijão de coco, que fiz um peixe não sei das quantas. Realmente, sem nenhuma pretensão de dialogar com nada, é um diário, uma forma de me colocar em um gênero cotidiano. É mais um retrato, de um determinado tempo, de uma determinada data, de uma determinada casa; aquela coisa que vai afunilando, afunilando, que sou eu (PEIXOTO, 2018).

Para a escritora, os espaços e o cotidiano são motivos de inspiração. Ela tira desses elementos o substrato denso e rico de detalhes que são parte fundamental de sua escrita. É uma observadora nata, tanto do mundo externo quanto do seu mundo particular.

Ativamente participante dos espaços que descreve, como a cidade, a sua casa, os bairros onde morou (Tambaú, Bessa, Miramar, Centro), o Colégio das Lourdinhas, as praias, o cinema, os blocos carnavalescos, Ana Adelaide formou em si uma semiótica desses lugares, muito característica em suas crônicas. Podemos ver isso na prática em um de seus textos: *De Festejos & de Melancolia*, publicado em 29 de dezembro de 2017.

[...] Ainda estou a comer peru de Natal. Ainda a tomar Espumante e Gin tônica, vindo das terras Galesas. Pensando na nova temporada de *Outlander*. E fervendo de calor do verão que se anuncia já quente. Fora do ar do noticiário pois são tempos de rua. Vai e vem. A Praia do Bessa cheia de sargaços, me deixo embriagar pelo cheiro de maresias da infância. Da Praia do Poço e de Formosa. Saudades dos meus queridos que se encantaram. E de tantos outros igualmente queridos. O Farol do Bar das Meninas. O meu farol! Sem rumo [...] (PEIXOTO, 2017).

O feminino aqui também se constitui um lugar nesta escrita, e assim vai descrevendo toda a sua vivência dentro desse “espaço”, que é o corpo

da mulher. Dessa forma, conversa com o público que está habituado com esses “ambientes”, geralmente contextualizados a partir de uma cultura e tempo em comum. Porém, existem áreas sobre as quais não transita, como a política e economia.

Acho que consigo dialogar, que tenho um caminho, uma voz. Eu me posiciono e consigo ter esse trânsito com uma determinada camada. Tenho essa voz com a classe média, com a mulher branca, universitária, da sociedade, não a *high society*, mas da vida cultural (PEIXOTO, 2018).

A produção da crônica se dá a partir da descrição de acontecimentos ou sentimentos que se passam em um determinado lugar. Ana Adelaide Peixoto tem o hábito de anotar os fatos curiosos ao seu redor, seja uma fala, um gesto, a natureza, os astros, o clima, etc. Ela dá forma às palavras, descrevendo com precisão os cenários onde esses fatos vão acontecendo.

A crônica, nesse caso, como considera Ana Adelaide, é uma “foto do dia”, um retrato do cotidiano que reflete a sua visão sobre determinado ângulo dos acontecimentos, “lançando um olhar em direção às circunstâncias” da vida, da cultura, dos fatos corriqueiros. Essa produção permeia os instantes percebidos e contextualizados a partir dos próprios referenciais da escritora, onde se dá a significação, de onde retira o extrato substancial para a produção de sentidos.

Às vezes eu estou aqui e uma pessoa diz uma coisa que me horroriza, ou então que me encanta. Ou vou passando em algum lugar e vejo uma paisagem que enlouqueço, então anoto: ‘escrever sobre mais tarde’. De vez em quando tenho três tópicos anotados, mas uma coisa me chamou mais atenção ontem e escrevo sobre aquilo e os outros vão ficando no banco de dados. Então, é assim, muito volátil, volúvel até. Porque depende do momento. Às vezes, quero escrever algo sob encomenda, por exemplo, São João. Quero escrever sobre o São João, então eu sento e escrevo, mas não escrevo sobre o São João de hoje, escrevo sobre o

São João que vivi, que está na minha memória, sobre quadrilha, sobre minhas lembranças de vestido de matuta, sobre os ensaios de quadrilha, sobre aquele par que eu não queria dançar, sobre minha mão suando frio com aquele par que eu queria dançar, sobre como foi ser noiva de improviso (PEIXOTO, 2018).

A sua rotina de escrita, especificamente para os textos publicados na imprensa, se mantém reservada para os finais da semana, o sábado ou domingo. Geralmente pela manhã, Ana Adelaide faz consigo uma espécie de retrospectiva, recapitulando todos os fatos e acontecimentos vividos. A depender das condições, a criatividade se finda momentaneamente. Mas a falta de ideias se torna matéria prima para uma reflexão literária publicada em uma crônica.

Gosta de surpreender os leitores com textos que os “façam felizes”, sem perder de vista a consistência de seu olhar crítico e profundo sobre o cotidiano. Também costuma colocar títulos em seus textos, em sua grande maioria que geram curiosidade, como é o exemplo da crônica publicada em 20 de janeiro de 2017, cujo título é *O que está por vir*.

Podemos considerar que a crônica de Ana Adelaide Peixoto resulta em uma tradução da percepção semiótica da experiência da escritora. Esta escrita se desenha como uma teia, onde um ponto liga outro, formando um fio condutor das memórias e do seu imaginário. Considera a sua crônica perfeitamente estruturada ou produzida quando consegue fazer das palavras algo mais inteligentemente bem-humorado.

Você tem o assunto, às vezes, não tem. E, às vezes, você relaciona o que acontece muito consigo. Uma amiga uma vez me disse assim: ‘Mas Ana, como é que você se lembra de tudo isso?’ Eu digo: Menina, são 25 anos em uma sala de aula! Então, estou escrevendo sobre um assunto extremamente corriqueiro e me lembro de um conto, aí fica lindo quando acontece. Lindo no sentido que fica rico, porque estou falando de algo bem doméstico, bem corriqueiro e me lembro de um conto, introduzo a escritora, falo que conto é, como é aquela história, como é a personagem e

como me senti. Isso foi o trabalho acadêmico que me deu, esse trânsito da literatura com a crônica, de me botar no personagem e trazer para minha ‘conversa de abobrinha’ (PEIXOTO, 2018).

Ana Adelaide Peixoto está aposentada da profissão de professora do magistério superior, conciliando sua vida pessoal ao trabalho como escritora, atividade que não pretende parar de exercer. Lembra que foi feliz na profissão que escolheu, pois foi onde conseguiu realizar grandes sonhos e viver momentos memoráveis, que hoje são escritos em suas crônicas e publicadas na imprensa paraibana.

A escrita possibilitou a Ana Adelaide Peixoto conhecer a si mesma e a conhecer o mundo. Trouxe a ela uma sensibilidade para captar as nuances da vida cotidiana e os elementos que se tornaram fonte de inspiração para a escrita de sua história na imprensa. Essa subjetividade descrita é um reflexo em suas narrativas, revelando não apenas a visão, o recorte e ângulo de um determinado tema, mas também contextualizando todos os cenários que compõem a sua fotografia literária.

No caso da minha crônica, o que ela significa hoje? Agora ela significa, mais do que nunca, meu fio com o mundo. Eu quis me aposentar para não fazer mais o trabalho extenuante de professor, mas eu queria viver como uma cidadã do mundo, atenta às coisas do meu país, atenta às coisas da minha cidade, participando da vida da minha cidade, participando da minha vida pessoal, e, claro, tendo esse olhar cotidiano, mesmo. Isso é muito importante para mim hoje (PEIXOTO, 2018).

Ana Adelaide considera que iniciou “tarde” como escritora, mas pronto recebeu o reconhecimento do público, graças à repercussão de seus textos. “As pessoas me abordam na rua, nos lugares, lá no centro da cidade, se vou a um *show*, ao cinema, em um evento cultural ou no *shopping*”. Em um congresso sobre “Mulher e Literatura” foi homenageada e analisada em uma pesquisa sobre a escrita feminina.

Eu pensei: Bem, aqui tem alguma coisa. Porque, infelizmente, você precisa do olhar do outro, principalmente nós mulheres, pois se a crônica já é um 'gênero menor' e se é mulher que escreve, aquilo vira 'bobagem'. Eu nunca achei que fosse bobagem, mas a maioria acha (PEIXOTO, 2018).

Antes de lançar meus livros eu tinha esse reconhecimento por abordagem. Inclusive, as pessoas ditas cronistas, os mais famosos da cidade, chegavam para dizer que gostavam muito do meu texto. Lembro que quando comecei a publicar, tive pessoas que me incentivaram muito, amigos e jornalistas. As mulheres muito mais, os meus alunos e minhas colegas acadêmicas. Depois, quando lancei os livros, eles foram muito bem repercutidos na imprensa. Muita gente escreveu comentários, os jornais me deram muito espaço e críticas muito positivas. Eu, apesar de ser uma mulher de 64 anos, sou uma estreante, não é? Não dá para ter ainda todos esses aplausos e reconhecimentos porque sou estreante. É diferente quando você publica só no meio, de quando você organiza um livro, porque ali você tem um arcabouço do seu trabalho de uma vida inteira (PEIXOTO, 2018).

A partir de sua experiência na imprensa paraibana, que data em quase 25 anos de atuação permanente, Ana Adelaide organizou duas obras importantes no cenário local: *“Brincos pra que te quero?”* (2016) e *“De paisagens e outras tardes”* (2016). Compilou o que considera como a melhor representação de toda a sua trajetória literária na imprensa. Os textos são separados por ordens temáticas características de sua crônica: o feminino, as memórias afetivas e a cidade, principalmente.

Tenho um monte de textos escritos que não estão em livro nenhum ainda e agora, estou organizando um só de crônicas feministas ou que pelo menos fale sobre mulheres. Tem outro que fala só de cinema, e tenho alguns textos na área de literatura, não necessariamente crônicas, mas coisas que eu escrevia sobre congressos, sobre eventos literários e sobre autores.

Estou vendo como é que eu organizo, porque o livro é isso, é ver organizado aquilo que está perdido no computador, que está perdido na gaveta (PEIXOTO, 2018).

Se considera uma escritora das imagens, uma leitora orgânica e uma comentadora assídua. Os jornais têm grande importância para a sua vida, pois é através destes que se informa e também que comenta a sua perspectiva sobre o mundo. É a sua janela, onde observa e expressa o seu ponto de vista. É onde Ana Adelaide vê e deixa ser vista. É o seu lugar de legitimidade, de voz e de conexão com o mundo.

A escritora usa de suas crônicas como ferramenta para quebrar as barreiras que as mulheres enfrentam diariamente nesse e em outros contextos. E dentro desse cenário, apesar de tudo, observa que existe uma crescente presença feminina na imprensa paraibana, principalmente no que tange à escrita literária e às artes.

Sempre me senti muito tranquila a respeito da minha trajetória, e eu hoje sou muito orgulhosa de ser mulher, de ter tido a vida que tive e tenho até hoje. Mesmo com as dificuldades que ser mulher nesse mundo significa, porque a gente tem as barreiras todas ainda, as visíveis e as invisíveis, não é? (PEIXOTO 2018).

A literatura hoje é uma coisa pulsante e saiu do pedestal, pois antes você não fazia um poema com medo de Camões lhe criticar em alma. Você não fazia uma crônica porque tinha que ser um Rubem Braga. Você não fazia um romance porque tinha que ser uma Clarice Lispector. Então, hoje as pessoas perderam esse medo. Claro, ninguém escreve uma obra-prima todo dia, nem começa sendo uma escritora de renome. Você começa porque sente uma determinada necessidade, porque acha que sabe falar de um determinado assunto, coloca sua cara à tapa. E, agora, você vai em uma feira literária, em uma livraria, são milhões de livros de escritoras mulheres de todos os cantos do mundo e isso eu acho fantástico (PEIXOTO, 2018).

Ana Adelaide Peixoto segue escrevendo a “sua história das mulheres” na imprensa e também na literatura paraibana. Em 2019, passou a escrever no jornal *A União*, no espaço que antes era reservado a Carlos Romero, advogado, escritor e professor universitário, que morreu em 7 de janeiro de 2019, em João Pessoa-PB. Estreou nesse espaço com o texto “Começar de novo”, que reflete todo o seu processo reflexivo com inícios de novos ciclos, as dificuldades, expectativas e o reconhecimento pela sua trajetória na imprensa.

Esta escrita bem-humorada e cheia de lembranças nos remete a uma crônica em movimento e em renovação. Sempre que pode, celebra as oportunidades de sua jornada, independente do tema de sua reflexão. É como finaliza em sua crônica *O que está por vir*, publicada em 20 de janeiro de 2017.

Saio do cinema querendo falar francês, filosofar, morar em Paris, passear nas montanhas da França, perambular pelos Jardins *des Tuileries*, pensar na vida em português mesmo, mas com certeza dizendo *Bonjour!* As francesas me seduzem. Huppert me encanta. E esse modelo de vida, que jamais será o meu (não dá mais tempo), também me faz pensar na singeleza de que é feita a vida. Mas não só! (PEIXOTO, 2017).

---

## 4 Joana Belarmino em trânsito: Jornalismo, ciberativismo e literatura

*“Hoje, eu diria que a crônica, para mim, é mais um exercício jornalístico. Antes eu escrevia se eu tivesse uma tristeza, uma alegria, uma apreensão. Hoje, ela é mais do que isso [...]” (SOUSA, 2018).*

Joana Belarmino de Sousa nasceu em 23 de junho de 1957 na zona rural de Itapetim, cidade mais setentrional do estado de Pernambuco. Morou neste lugar durante a primeira infância, com seus pais e doze irmãos. Sete deles nasceram cegos, inclusive ela, uma realidade desafiadora, cuja adaptação foi necessária, já que parte de sua família trabalhava no campo.

Sua infância foi vivida conciliando as brincadeiras no pátio de sua casa com os estudos. Parte da descoberta do mundo se deu nestes momentos de exploração e imaginação. Tudo que passava por suas mãos se tornava lúdico. Dessa forma, desenvolveu com precisão os sentidos e seus conhecimentos a partir dessa experimentação do cotidiano.

Houve um período, entre os três e seis anos, lembro-me que eu brincava muito sozinha nas cegas, porque meus irmãos tinham ido para a escola. E me lembro perfeitamente que tomava banho de riacho, em tanques, brincava nas pedras altas, brincava com os gatos. Até com o vento e com a chuva eu brincava. Eu brincava muito com tudo que havia, pedras, pedaços de madeira, flores, absolutamente tudo (SOUSA, 2018).

Joana Belarmino aprendeu a descobrir o mundo por si só, estimulada pela sonoridade da vida do campo. Tudo o quanto observava virava um experimento. Neste contexto, absorveu muitas referências do universo sertanejo, lembranças que levou consigo quando mudou-se para João

Pessoa, na Paraíba, aos sete anos de idade. Ali iniciava-se uma nova fase: a vida escolar.

Um fator importante para esta decisão foi levar em conta as dificuldades da educação no campo. Localização desfavorecida, escolas precárias e sem estrutura para crianças cegas impulsionaram Joana Belarmino a estudar no Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha, onde alguns de seus irmãos já estudavam. O que mais a chamou a atenção neste acontecimento foi o ritmo da vida na cidade, como recorda:

Foi uma mudança muito grande, porque eram costumes totalmente diferentes, o modo de falar, a alimentação. Estudávamos de manhã e à tarde, no outro horário, fazíamos tarefas de casa, aulas de música e aula de datilografia, que foi muito importante para mim na época. Estudávamos e só íamos para casa nas férias. Depois, passei a brincar com as outras crianças. Brincava de roda, brincava de pega, de bola. Adorava brincar de bola. Tinha um pomar grande, com muitas árvores, e quando a gente tinha uma folguinha a gente ia brincar. Essas foram minhas referências de infância: meus pais, meus irmãos, os professores e colegas do internato (SOUSA, 2018).

O ingresso na escola expandiu suas habilidades, uma nova fase exploratória e de descobertas. Foi através das aulas de datilografia que aprendeu a escrever, aos nove anos. Aprender a ler em braille também era um grande sonho que se realizou neste período. E, ao decodificar os signos da leitura, adentrou no universo da literatura pela primeira vez. E assim, passou a escrever histórias que compartilhava entre os colegas na sala de aula.

Ainda me lembro, foi no primeiro ano. Achava o braille difícil, e não entendia. Tudo completamente novo. Quando eu consegui, pronto! Foi uma felicidade muito grande. Tenho uma memória muito clara desse dia, porque não me lembro de muita coisa da infância, mas disso me lembro. Lembro que era um

fim de tarde, estava no meu quarto, no dormitório, na minha cama, e estava com a cartilha da escola. Nesse dia entendi o processo de tocar letras, juntar e formar palavra. Meu cérebro entendeu, fez um clique, aí pronto. Eu nunca mais parei de ler desse dia em diante (SOUSA, 2018).

Pela vida restrita ao internato, a leitura passou a ser uma atividade importante na rotina de Joana Belarmino. Passou horas de seus finais de semana na biblioteca da escola, descobrindo os clássicos da literatura infantil. A leitura se constituiu em um universo de significados para Joana Belarmino, já que uma nova forma de percepção do mundo se abriu neste momento.

Essa descoberta gerou nela um processo criativo, que resultou na escrita de seus primeiros contos e fotonovelas. Aos doze anos, inserida também no universo musical, passou a compor músicas com seus colegas da escola, o que lhe rendeu premiações em festivais locais.

Na época, escrevia fotonovela. Inventava, sem imagem. Era só brincadeira. Depois mostrava para a turminha e eles escutavam. Então, a gente gostava de brincar disso, de teatro, de radionovela, de música. Era uma efervescência muito grande. Acho que no princípio eu não sabia, mas depois li, por exemplo, Rubem Braga, que é um grande cronista. Não me lembro se cheguei a ler Drummond de Andrade, mas realmente, o começo eu não sabia totalmente que eu estava escrevendo crônica. Poesia eu fazia, mas não prosperei muito nela. Gostava mais da prosa, do conto, da crônica e inventava essas novelas que poderiam ser uma espécie de romance ou radionovela (SOUSA, 2018).

Aos seus quinze anos, foi transferida e passou a estudar como bolsista em escola regular, onde fez o ensino médio. Lá, começou a cultivar o sonho de ser jornalista, fato que atribui à sua aproximação com a literatura. Dessa fase, lembra das dificuldades para ser incluída

nas atividades escolares. O convívio escolar foi desafiador devido à falta de acessibilidade das aulas.

Joana Belarmino estudou o Magistério e iniciou esse novo ciclo escolar no Lyceu Paraibano, se transferindo posteriormente para a Escola de Professores, em Santa Rita, cidade da Região Metropolitana de João Pessoa. Em 1976, concluiu a formação pedagógica, e conquistou um cargo para lecionar na mesma escola que foi diplomada. No ano de 1978, inicia a graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Aqui, não existia curso de jornalismo, e quando a primeira turma surgiu em 1977 eu disse: *Pronto! Vai ser o meu curso. Aí, fiz o de 1978 e passei. Pensei: Não quero continuar aqui [na escola]. Queria fazer outras coisas, mas ainda passei uns três anos trabalhando.*

Foi na UFPB que Joana Belarmino formou sua visão crítica em relação ao mundo e à sua profissão. Sua primeira experiência profissional como jornalista foi como voluntária do semanário *O Momento*, entre os anos de 1979 a 1980. Escreveu quatro grandes reportagens, com um de seus irmãos como fotógrafo das matérias.

Foi uma importante vivência na área, já que escrever foi uma realização pessoal e profissional. “Escrevi sobre as lavadeiras de rio, sobre os fotógrafos de rua, sobre os vendedores de discos de vinil (...). Era sempre uma espécie de reportagem aprofundada”, relembra.

Estava lá perto do quinto período, um jornalista que dava aula para nós tinha um jornal semanário, que era *O Momento*. Eu disse para ele: *Quero fazer uma experiência no seu jornal como freelancer. Aí, ele: Tá! Só que não tem como eu lhe pagar. Aí, eu: Tudo bem! Ainda escrevi quatro grandes reportagens no jornal dele. Lembro-me que eu levava meu irmão para fazer as fotografias, porque não tinha quem. Ele não dava nada, a gente tinha uma máquina e fazíamos as fotos (SOUZA, 2018).*

Após quinze dias de sua colação de grau, em 1981, foi chamada para atuar no jornal *O Norte*, onde trabalhou por nove anos, até 1990. Também trabalhou na Assessoria de Comunicação da Secretaria de Comunicação do Estado (Secom-PB) e no jornal *A União*, entre 1991 a 1994. Posteriormente, atuou na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (Funad).

Nesse período, Joana Belarmino já estava inserida na militância e nos movimentos sociais, principalmente na luta de pessoas com deficiência. O ser político era por natureza o perfil da então jornalista, que além de combater toda a expressão de preconceito e exclusão social, passou a lutar por seus direitos como mulher e jornalista, também através da escrita na imprensa. A partir disso, deu voz a um movimento que é invisibilizado, gerando grande impacto na comunidade local.

Acho que a formação universitária tem uma importância. Você vai para um caminho ou para outro. Então, analisando, acho que a vida que os meus pais levaram me fez incorporar uma filosofia de esquerda, porque meus pais eram camponeses. Eles trabalhavam nas terras dos outros, plantavam, mas não ficavam com quase nada. O que eles deviam ao patrão, eles pagavam com feijão, com algodão, com tudo. Era uma vida muito miserável, eu acho que isso fez com que eu tivesse essa filosofia de mais igualdade, distribuição de renda. Acredito que isso foi importante, além da faculdade, é claro (SOUSA, 2018).

A partir de seu trabalho na imprensa paraibana, Joana Belarmino se voltou para refletir a rotina jornalística, que era tão diferente daquela que aprendeu em sala de aula. Percebeu a influência da imprensa nacional com a imprensa local, com a política, com os direitos humanos e começou, aos poucos, a analisar as implicações dessas relações. Isso se tornou um dos temas mais recorrentes das suas publicações. “Temos uma imprensa previsível, viciada no factual, sem jornalismo de investigação, pouca autoria, pouca profundidade. Mas isso vai na esteira do jornalismo brasileiro”, ressalta.

De 1988 a 1990, cursou uma especialização em Metodologias da Comunicação na UFPB, estudando o discurso de programas radiofônicos em seu trabalho científico. Em 1991, ingressou no Mestrado em Ciências Sociais na mesma universidade e, dessa vez, refletiu sobre *A luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena: um estudo sobre o movimento associativista dos cegos na Paraíba*, como explicita no título da pesquisa.

Sua formação como pesquisadora em Comunicação se deu ao mesmo tempo em que articulava seus trabalhos jornalísticos, entre os vários setores por onde passou na imprensa paraibana. Atuou em assessoria de imprensa, no ambiente redacional, na sala de aula como professora do magistério e nas ruas como repórter, além de atuar com direitos humanos e militar em favor das pessoas com deficiência.

Toda a sua concepção científica, nesse sentido, perpassou por suas experiências no mercado de trabalho e na vida, o que refletiu em sua escrita. As temáticas de suas crônicas se concentram justamente nesses nichos: jornalismo, ciberativismo, acessibilidade, cegueira, percepção tátil e literatura.

Considero que a minha formação foi satisfatória, primeiro porque a escola me permitiu ler muito e assim consegui uma bagagem literária e você se sai bem em muita coisa se você tiver um domínio em lidar com as palavras. Segundo, eu consegui estudar em uma época muito difícil. Meus pais vieram morar em João Pessoa e meus irmãos trabalhavam em fábricas. Na universidade, o curso de Comunicação, apesar de ser um curso novo, permitia a nós uma formação muito importante no mundo, como a realidade da política, por exemplo. Eu vivia no período da Ditadura Militar e só vim compreender um pouco disso quando entrei na universidade, porque os jovens e adolescentes daquela época viviam o milagre brasileiro, o 'Brasil: Eu te amo!' Então, não sabia o que era tortura. Então, eu vim compreender isso na universidade (SOUSA, 2018).

Em 1994, foi aprovada em um concurso para exercer o cargo de professora auxiliar na UFPB, onde fixou sua carreira no magistério superior nos últimos 26 anos. Nos anos 2000, iniciou seu doutoramento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Lá investigou *Os aspectos Comunicativos da Percepção Tátil: A escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura*, concluindo no ano de 2004.

Joana Belarmino se lançou profissionalmente no universo da literatura ainda em 1979, com seu primeiro livro de contos infantis, chamado *Patinho Criança*. Esse trabalho foi fruto dos textos que escreveu em sua fase escolar. Com o apoio de uma professora da universidade, relançou sua primeira obra na UFPB e realizou mais um sonho.

A gráfica fez a impressão e eu lancei na faculdade. E, curiosamente, uma médica quando me viu, começou a chorar, dizendo não acreditar que estava diante da escritora do *Patinho Criança*. O pai tinha comprado para ela quando ela era pequena e gostava demais. Foi impressionante! (SOUSA, 2018).

Posteriormente, a escritora lançou mais quatro obras ao longo de sua trajetória. O seu segundo livro, também de contos infantis, chama-se *Dartanham: Um gato com gosto de pinto*, foi publicado em 1983, pela Editora Moderna. Em 1993, publicou um livro de poemas e contos intitulado *Comício das veias*, obra que tem coautoria com o poeta *Lau Siqueira*, com quem foi casada e teve duas filhas. Já *Era uma vez uma vírgula* foi lançado em 1997, junto a outras coletâneas que Joana Belarmino participou.

Dezessete anos depois, Joana Belarmino publica o e-Book *Já não há golfinhos no Tejo*, na coleção *Latitudes*, organizado por Maria Valéria Rezende, escritora, feminista e importante expressão da literatura e escrita feminina brasileira. Essa obra reúne vários contos de Joana Belarmino, produzidos durante sua trajetória. Outro importante lançamento de sua carreira na literatura é o romance de ficção científica chamado *Tia Lila*, publicado em 2017.

É notável que sua expressão nas Letras se dá a partir dos contos e crônicas, que tem como base fundamental a capacidade de descrever os sentidos e percepções cotidianas. Suas histórias, mesmo incluindo a ficção, recontam de uma maneira lúdica o seu imaginário da infância e do âmbito rural, muito característico em suas publicações, como vemos no texto *Intervalo para a ternura*, de 9 de junho de 2017.

[...] Quando eu era pequena, em todas as vezes que ia dormir, ficava sonhando com uma casa muito pequena, onde eu vivesse, com economia de gestos, com ações delicadas, com coisinhas miúdas, cada uma no seu lugar. Era talvez a minha versão privada de uma casa de bonecas [...] Vou sair. Ou seria melhor que eu dissesse que vou ficar em mim, vivendo um cotidiano feito de pequenos gestos, coisas delicadas, cantigas de ninar e hálito de presença de criança? [...] Vou visitar minha casa de bonecas, arejar seus pequenos cômodos, deixar que o vento brinque com seus íntimos esconderijos. Trarei de lá, delicadezas, gestos cuidadosos, colheres tortas e invenção de ternuras para o menino que dorme (SOUSA, 2017).

Joana Belarmino mergulhou no âmbito acadêmico, após a sua progressão de carreira, que a elevou ao cargo de Professora Associada do Bacharelado em Jornalismo da UFPB. As publicações científicas também foram possíveis, graças a esta trajetória profissional. Entre elas, publicou a obra *Associativismo e política: a luta de grupos estigmatizados pela cidadania plena*, fruto de seu mestrado. Do doutorado, resultou no livro *O que vê a cegueira: a natureza semiótica do sistema braille*.

Também participou com capítulos em diversas coletâneas de livros científicos, além de publicações em coautoria com seus alunos e orientandos, ao longo dos anos. Em sua trajetória profissional, Joana Belarmino atua principalmente como professora e pesquisadora de comunicação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Também trabalha como jornalista ativista, escritora e no blog *Barrados no Braille*, que mantém ativo na internet desde o ano de 2006.

Sua crônica perpassa, então, esse universo da jornalista e escritora, que vai desde a sua infância no sertão pernambucano, da percepção do campo, da natureza, do clima, até a sua vivência na cidade, do burburinho, das lutas por direitos, tanto por ser mulher, por ser jornalista, quanto por ser uma pessoa cega.

Eu acho que a política associada à crítica de mídia é uma pauta que eu acho que tem muito a ver comigo, que gosto muito de produzir. As crônicas da família, quando é para o jornal, sempre tem algum ingrediente político ali também. E, também gosto muito de produzir denúncias. Houve um crime contra uma mulher, houve a morte, estou denunciando. A morte é um tema muito recorrente nas minhas crônicas, sabe? É um tema que eu escrevo muito. É essa morte cotidiana que assola a infância, que assola os idosos... Escrevo muito sobre isso (SOUSA, 2018).

As abordagens, desse modo, vão influir, principalmente, nesses elementos que fazem parte da vida da escritora e influenciam diretamente na percepção da realidade, traduzida a partir de um crivo mais ativista, direto e perspicaz. Essa voz que mantém na imprensa é usada como um protesto contra os fatos que, de certo modo, atingem diretamente as zonas onde Joana Belarmino tem domínio, como a mídia, a militância política e o fazer jornalístico.

Eu acho que a minha crônica é um instrumento de protesto. Fiz sobre a violência nos programas de rádio. Faço muita crítica de mídia e, em alguma medida, as pessoas tomam conhecimento, mas não houve uma resposta ou resolução prática de algum problema especificamente. Mas aqui tenho uma voz que se levanta, que diz as coisas e que, em alguma medida, forma uma opinião (SOUSA, 2018).

Para a jornalista, ser cronista é pensar o cotidiano, o que gera uma responsabilidade no meio social. Este texto permeia a memória histórica

nos jornais, que há anos, vem sendo construída por Joana Belarmino no jornalismo paraibano. Sua rotina de escrita é atravessada por outras atividades pessoais e profissionais, o que requer uma organização do tempo: separa um dia na semana para pesquisar e se dedicar a esta prática.

Às vezes, me sento e não tenho nada para dizer. Até escrevi um texto sobre isso, chamado *Omelete de nada*. Escrevi sobre isso, e vi que outros cronistas também já trataram desse tema. E dá um vazio, pois você não tem o que escrever e tem que tirar leite de pedra para chegar até aquelas 36 linhas. É desafiador. Vou produzir uma crônica, vou escrever o quê? E, no início, queria que sempre minhas crônicas fossem de impacto, mas isso nem sempre é possível. Mas é importante que, às vezes, você escreva de maneira prosaica e outras que saiam do modo “piloto automático” (SOUSA, 2018).

Esse processo de criação possui etapas que vão desde a pesquisa dos fatos, seleção e pertinência do tema, a prática da escrita, revisão e envio do material. O editor do jornal recebe o material por *e-mail* e a partir dessa relação, a crônica é publicada. Os dias de publicação eram semanais por determinado período, mas esse regime se modificou ao longo dos anos, até sua saída do jornal *A União*, em 2019.

As mídias, de um modo geral, são fonte de inspiração para Joana Belarmino, que busca na televisão e no *Twitter* alguns assuntos mais comentados e pertinentes. Outras vezes, absorve a abordagem sobre a vida e a morte, retratados pela jornalista e escritora Eliane Brum, entre outros autores. Os aspectos literários chamam a atenção, além da natureza dos detalhes, da delicada descrição de pautas fatídicas, como vemos na crônica *A sina de nossos dias*, de 27 de janeiro de 2017.

[...] Não, de há muito eclipsou-se o espaço e o tempo da crônica tranquila, leve, a escrita contemplativa da cidade num final da tarde, a crônica poética da vigília madrugadora, a crônica travessa do amanhecer do

sábado, pleno de sol, com o vendedor de camarões palmilhando a rua com sua voz de barítono: “camarou, camarou, camarou”! Não há amanhecer tranquilo, não há fim de tarde, não há noite nem madrugada, senão o perpétuo longo dia cerzido na crueldade dos acontecimentos. Não há crônica, se não na escrita apressada de palavras a esmo, o carro que esmaga o corpo fatigado do trabalho, a foice que dismantela crânios, a asa do avião esgrimindo com o oceano, decapitações, decapitações, essa palavra tão grande e tão sangrenta, enchendo dias e dias com a dura verdade dos seus acontecimentos [...] (SOUSA, 2017).

Algumas características da crônica precisam ser preservadas, segundo Joana Belarmino. Devem, especificamente, perpassar pelo sensível, pelo movimento e articulação de metáforas. Em uma compreensão geral, a escrita que a jornalista domina é uma prática fluida, leve e transparente, tanto no eixo jornalístico, no literário, quanto no acadêmico. Isso traduz muito de suas experiências de vida, de sua maneira de ver e de inscrever-se no mundo.

Gosto que ela seja bonita, esteticamente bem-feita, mas que ela tenha ligeireza, fluidez e movimento, que a pessoa possa imergir no texto. Tenho amigos que falam: *‘Você escreve como quem está pintando um quadro. A gente se coloca dentro da crônica’*. Eu gosto disso, sabe? Gosto que haja movimento, que a crônica comunique impressões, sensações, e que ela seja bem escrita e que agrade do ponto de vista da estética (SOUSA, 2018).

Segundo ela, uma inspiração criativa depende da recepção e interpretação do cronista sobre determinadas situações. É a partir disso que um tema emerge, e a produção de uma crônica se inicia. “Os fatos estão lá, no armazém da memória e, de repente, saltam para a superfície. Então, é tudo muito natural, fluido, é uma conexão magnífica. Os próprios acontecimentos do passado que pedem um lugar numa crônica”, diz.

No começo eu não avaliava muito. Hoje, acho que tenho uma responsabilidade muito grande no que vou dizer porque tenho leitores e ainda que não os tivesse, essas crônicas vão ficar para memória. Sempre procuro pensar que uma crônica semanal parece que não é nada, mas é. São palavras que depois podem ser recuperadas e podem ser lidas. É a apreensão de uma pessoa, uma professora universitária, jornalista, sobre tudo que está se vivendo nesse momento. Então, hoje, minhas crônicas estão muito coladas aos acontecimentos do mundo, que pode ser um acontecimento aqui, pode ser lá fora. Mas, elas estão muito ligadas aos acontecimentos e ao exercício jornalístico (SOUSA, 2018).

A partir desse vínculo com a imprensa paraibana, considerando sua trajetória neste espaço, passou a ser prestigiada pelos leitores, que desenvolveram uma forma de se relacionar com a escrita de Joana Belarmino. Mensagens de reconhecimento começaram a chegar através de cartas, telefonemas e *e-mails*. Os conteúdos das mensagens expressam contentamento sobre a abordagem, o texto, ou a respeito do tema publicado na página de Opinião. Embora o seu trabalho como cronista nunca tenha custado algum reconhecimento público, Joana Belarmino se sente prestigiada a cada publicação repercutida.

Um dia desses, Gonzaga Rodrigues, que é um grande cronista, disse: *‘Essa menina escreve muito bem! Eu te leio, mulher! Eu te leio!’*. Quer dizer, é um reconhecimento muito grande. Hildeberto Barbosa, nossa! Fala muito bem e, às vezes, compartilha os textos no *Facebook*. É esse tipo de reconhecimento que costumo receber. Um dia desses recebi um *e-mail* do próprio governador do Estado da Paraíba me parabenizando por uma crônica em *A União*. Aquilo para mim foi incrível, quer dizer, é um leitor importante. A gente pensa que ninguém lê, mas já encontrei vários leitores importantes que dizem que leem o que escrevo. E elogiam, embora, às vezes, eu pense: *Meu Deus, essa crônica está tão ruim! Já conquistei muita*

*coisa, sou muito gratificada com o que conquistei (SOUSA, 2018).*

Para Joana Belarmino, escrever na imprensa no século XXI significa um avanço grande, relacionado aos direitos da mulher. Há uma transcendência nas condições de trabalho, apesar das desigualdades no jornalismo. “Acho que a mulher é uma força incrível dentro do jornalismo. Mas, o jornalismo, feito por mulheres e homens, vive um momento difícil”, ressalta.

Os grandes cargos, os melhores eram dados aos homens. Às mulheres, quando muito, uma chefia de reportagem. No meu caso, tinha uma dupla dificuldade: eu era mulher e era cega, então, na redação eu era apenas repórter. Ao ser mãe, o dono do jornal dizia: *‘Essa mulher só vive grávida?’* Quer dizer, uma mulher tem um período em que realmente sai de cena para ter o filho, para cumprir aquela licença, mas, então, tem essas coisas, sabe? E no meu caso a dupla dificuldade, de ser mulher e mãe, e ser pessoa com deficiência. Depois disso, fui compreendendo que ser mulher envolve uma série de obstáculos, de dificuldades e de preconceitos. Fui percebendo isso e acho que para mim, hoje, ser mulher envolve essas diversas facetas. Acredito que avancei muito em termos de compreensão desse mundo feminino e do mundo que é diverso, e que pode coexistir sem atropelos e sem dificuldades (SOUSA, 2018).

Apesar da consciência feminina sobre sua escrita, a jornalista enquadra a sua crônica para além da atribuição de gênero. As crônicas, em sua maioria, não são pautadas em “temas femininos”, apesar de romper as barreiras como mulher, jornalista, mãe e pessoa cega. E questiona: “Será que existe uma crônica feminina?”. Conclui que em seu processo de escrita a “visão feminina” não é aparente, mas integra a sua subjetividade na produção de sentidos.

Em *Tia Lila* por exemplo, que é o romance, eu tentei desafiar isso. Não quero escrever como mulher, no sentido delicada e afetiva. Porque a mulher tem dentro de si outras coisas, ela tem dentro de si durezas, inquietações, tanto a mulher quanto o homem. Então, não sei dizer se a minha crônica é feminina ou não é. Ela não tem um gênero. Claro que em alguns momentos ela é, ela assume uma pauta feminista. A visão da mulher está presente. Mas, no geral, não sei se qualificaria minha crônica feminina (SOUSA, 2018).

A jornalista encontrou em sua profissão uma maneira de transpor sua opinião e expressar sua literatura. A escrita é para ela uma ferramenta de reflexão, aprendizagem e realização pessoal. Se considera jornalista, cronista, contista, *blogueira*, *twitteira*, mãe e avó de duas crianças e, acima de tudo, mulher militante.

Hoje, se vê na defesa e luta pelos direitos das pessoas com deficiência, falando de acessibilidade, denunciando injustiças e cobrando das autoridades uma postura. A sua arma de militância é a escrita. “Em geral há sempre luta entre mim e a palavra, pois luto com um forte senso de ter que dizer coisas que valham a pena, de dizer coisas exatas e válidas. Não sei se consigo sempre”, concluiu.

---

## 5 Vitória Lima, a palavra e outras artes

*“Temos uma dimensão, uma inserção extra dentro da sociedade, pelo fato de estar ali comentando o tempo todo. São os olhos que passeiam pela urbe, pela casa, por todo canto [...]” (ROCHA).*

Maria das Vitórias de Lima Rocha nasceu em 3 de agosto de 1946 na cidade de Recife, em Pernambuco. Aos quatro anos de idade, mudou-se com a família para Campina Grande, na Paraíba, onde viveu até a fase adulta. Foi lá que a vida de Vitória Lima ganhou sentido e onde obteve suas referências culturais. “Recife para mim é só um retrato na parede, porque vim muito pequena para a Paraíba. Sou mais paraibana que pernambucana”, afirma.

Minha memória de Recife se restringe a minha casa na rua do Sossego. Eu me lembro que era uma casinha bonitinha, nos moldes antigos. Então, é uma memória só, que, aliás, nos anos [19]70 voltei lá, mas a casa não existia mais, tinha sido derrubada para dar margem a uma grande avenida. Então, minhas memórias mesmo são de Campina Grande, onde morei até casar. Campina é a cidade da minha infância, adolescência e entrada na maturidade (ROCHA, 2018).

Além dos pais, moravam com ela também sua avó materna e uma tia. Vitória Lima viveu cercada de familiares. Tias, tios e primas distantes os visitavam. Assim, os laços familiares foram se estreitando e esse lugar, que era novo e desconhecido, se tornou um ambiente seguro e estável.

O que marcou sua infância foram as poucas amizades que conquistou. Uma delas, com sua vizinha, companhia que desfrutava horas a fio. Tinham afinidades e compartilhavam o gosto pelas mesmas brincadeiras e, por isso, o laço se estreitou à primeira vista. Brincar de bonecas e ler eram as principais atividades lúdicas.

No ambiente escolar, compartilhava com seus colegas o amor pela leitura e pela escrita. Em outros momentos, se divertia brincando de “roda” e de “se esconder”. Um fato que chamou a atenção de Vitória Lima para a leitura e a escrita foi uma atividade executada na sua aula. As crianças eram incentivadas a exercer a criatividade, descrevendo imagens e fotografias.

Dessa forma, sua habilidade de interpretação foi inicialmente desenvolvida, potencializada por sua imaginação e pelo hábito da leitura. Vitória Lima cresceu em uma família de leitores, o que a oportunizou ter acesso aos clássicos da literatura. Outra habilidade desenvolvida foi a memória olfativa. Muitas lembranças deste período da vida foram preservadas graças aos cheiros que permeavam os ambientes e os momentos vividos. Assim, Vitória Lima conseguiu preservar muitas lembranças afetivas, inclusive de sua infância.

Não me lembro, mas acho que era na sexta-feira que tinha uma atividade que se chamava ‘descrição’. Colocavam um painel lá na frente e a gente tinha que descrever o que estava vendo. Essa é a única atividade que lembro que estimulava a escrita, mas a leitura foi mais estimulada em casa com os meus pais que sempre foram leitores. Eles compravam muitos livros e nós líamos muito. Quando eu era menina meu pai adquiriu uma coleção chamada *‘Tesouro da juventude’*, e essa coleção tinha poesia, crônicas, história, geografia... Na época *pré-internet*, essas enciclopédias eram nossa fonte de informação. Outra coleção que eu gostava muito era *‘Vida de homens ilustres’*, de um escritor romano chamado Plutarco. Esse me serviu até a universidade. Também os autores brasileiros que meu pai gostava muito que eram Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego... Como menina, o poeta que eu mais curti era Castro Alves, muito dramático, muito teatral (ROCHA, 2018).

Na adolescência, o cinema e a música dominaram a vida de Vitória Lima. Inspirada pelos Beatles e por filmes de Hollywood, começou a

sonhar em conhecer outros países, graças às referências culturais que a influenciaram neste período. Seus pais também foram cruciais para esta descoberta artística, pois ouviam bandas norte-americanas e inglesas em seu auge, na década de 1950.

Além disso, passou a frequentar os cinemas tradicionais de Campina Grande, que reproduziam os filmes clássicos e romances musicais. Foi uma fase de emoções afloradas, risadas e paixões. Movida pela literatura e pelas artes, dada essa exposição à cultura inglesa e norte-americana, Vitória Lima voltou os olhos à língua inglesa, o que a motivou a estudar e dominar sua escrita, leitura e compreensão.

Desde muito cedo, a jovem descobriu uma nova maneira de se comunicar. Iniciou estudando sozinha, a princípio, traduzindo as músicas que ouvia no rádio e na radiola. Depois, intensificou a aprendizagem com um professor particular. Logo, Vitória Lima se tornou fluente em inglês. Essa paixão pelo idioma a influenciou diretamente na escolha de sua profissão.

Para concluir o segundo grau, Vitória devia escolher entre três opções: optar pelo curso clássico, que era mais abrangente para seguir carreira profissional; o curso científico, que focava na aprendizagem das ciências exatas e da natureza para as engenharias e medicina, por exemplo; e o curso pedagógico, que era voltado para a licenciatura. Escolheu o clássico, dado o seu interesse inicial pelo Bacharelado em Direito.

A esta altura, o curso de Direito ainda não havia sido implementado em Campina Grande, o que fez com que a jovem repensasse sua escolha. Dois anos após concluir o segundo grau, Vitória Lima decide ingressar na graduação de Letras-Inglês, na Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), em 1957, que veio a se tornar posteriormente em Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Em 1968, no ano de seu casamento, mudou-se para a capital João Pessoa, e continuou os estudos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), terminando sua graduação em Letras no ano de 1969. Apesar de sua habilidade com a língua inglesa, o campo da literatura foi a área

em que centrou seus estudos durante os seus anos de graduação e pós-graduação.

Eu já ensinava Inglês e escolhi essa habilitação. Nessa época, só tinha duas opções: Inglês e Português. Fiz as duas coisas e estudei dois anos em Campina Grande e vim para João Pessoa depois, que era o meu sonho. Tive excelentes professores lá, e aqui também. Foram grandes professoras, que entraram para imortalidade da Literatura e das Letras, como *Juarez da Gama Batista*, *Virgínio da Gama e Melo*, *Raquel Nicodemos*, e na área de Inglês, o *Mister Babo*, que era um grande professor, e *Archidy Picado* (esses dois já faleceram); Também tinha *Zélia Oliveira*, que foi uma influência máxima no meu futuro, porque eu amava as aulas dela e terminei me especializando em literatura. Entrei na universidade para estudar Língua Inglesa, mas quando saí já estava direcionada para a Literatura (ROCHA, 2018).

Em 1970, três meses após à conclusão da graduação, prestou concurso na mesma universidade de formação e foi aprovada para o cargo de professora do Magistério Superior, fato do qual a escritora se orgulha. A *Miss Zélia*, como era conhecida a professora Zélia Oliveira, impulsionou Vitória Lima a uma carreira acadêmica: “Você não pode ficar só na graduação, tem que fazer alguma pós”, dizia.

No mesmo ano, se candidatou a uma bolsa para pós-graduação financiada pelo governo brasileiro e pelo governo norte-americano, e foi aprovada para estudar o curso de especialização em Literatura Norte-Americana na Universidade de São Paulo (USP). Após este período dedicado aos estudos, voltou à Paraíba para lecionar. A Literatura se tornou sua especialidade, apesar disso, continuou dando aulas de inglês, quando necessário. “Mas a minha vocação mesmo era a Literatura”, afirma.

Três anos depois de concluir a especialização, candidatou-se a uma vaga no mestrado nos Estados Unidos. Em 1973, Vitória Lima inicia sua

pós-graduação na Universidade de Denver, no Colorado, financiada pelos governos brasileiro e americano. A pesquisa acadêmica resultou em um trabalho sobre a obra literária do romancista, poeta e jornalista norte-americano do século XIX, Stephen Crane.

De volta ao Brasil, Vitória Lima se dedicou à vida acadêmica, à conjugal e à maternidade, uma transformação na rotina, que exigiu adaptabilidade. O doutorado foi iniciado cinco anos após seu retorno dos EUA, desta vez no Reino Unido. Financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), submeteu uma proposta de pesquisa na Universidade de Birmingham e foi aprovada para se dedicar-se aos estudos shakespearianos. Em 1979, inicia essa nova fase de vida, junto à sua família.

O período foi desafiador para a saúde do seu filho, que se comprometeu por causa da poluição do ar na nova cidade. Dois anos e meio após uma difícil adaptação, Vitória Lima decide suspender a pesquisa e voltar ao Brasil. “Ser mulher é atuar nesse complicado mundo feminino, é ser mãe, é ser amiga. É você influir no mundo feminino, influir na formação de homens também”, ressalta.

Infelizmente, não consegui terminar o doutorado. Fui com um filho de sete meses para morar em um lugar muito poluído, uma cidade industrial. Então, ele não se adaptou. A essa altura eu já estava com outros interesses de pesquisa, que era a mulher na Literatura. Incluímos essa pesquisa na UFPB, posteriormente, com um grupo de pesquisadores do curso de Letras. Inclusive, Ana Adelaide participava desse grupo (ROCHA, 2018).

Vitória Lima retornou à João Pessoa e deu continuidade ao seu trabalho como professora do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As experiências acadêmicas no exterior ajudaram-na a descobrir uma nova temática científica, cuja identificação pessoal foi evidente: a escrita feminina. Assim, fundou o Grupo de Pesquisa em Literatura e Gênero, junto aos alunos e professores da UFPB.

Exerceu o magistério superior desde 1970, aposentando-se em 2013, após mais de quarenta anos de serviço público. Em sua trajetória profissional também atuou na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a partir de 2003. Seu interesse pela literatura inglesa e escrita feminina facilitaram seu ingresso nesse universo da escrita, dessa vez como poetisa e cronista.

Sua relação com a imprensa paraibana iniciou na adolescência, quando passou a acompanhar assiduamente os jornais que o seu pai assinava. *O Correio da Manhã* e o *Diário da Borborema* eram os principais. Nutriu um sentimento de proximidade com páginas impressas até a fase adulta, cuja identificação lhe distancia de conteúdos digitais. “Para mim, o jornal tem que ter a materialidade do papel, assim como livro”, ressaltou. Graças à sua trajetória e imersão no jornalismo e na literatura local, Vitória Lima seguiu rumo a constituir-se como uma das principais cronistas da imprensa paraibana.

A partir do jornal impresso, sua atuação como escritora se tornou pública. Recebeu o convite do jornalista Evandro da Nóbrega para publicar, pela primeira vez, uma poesia em sua coluna de opinião no jornal *A União*, em 2007. Outras participações posteriores nos jornais *O Norte*, *Correio da Paraíba* e *Correio das Artes* foram registradas. Assim se deu a entrada permanente da escritora como colaboradora da página de Opinião do jornal *A União*.

Me lembro que o Evandro da Nóbrega me deu espaço. Publiquei meu primeiro poema numa coluna dele. Aí, depois acho que foi Walter Galvão quem publicou uma crônica minha. Não lembro nem sobre o que foi. Acho que foi Walter Galvão, quem primeiro me abriu o caminho para a crônica. E eu fiquei nessa esperança de um dia ter uma colaboração mais assídua. Até que fui convidada por Fernando Moura, que na época acredito que era coordenador do caderno de Cultura da *União* (ROCHA, 2018).

O apoio dos amigos jornalistas foi essencial nesse momento inicial, pois a partir disso ganhou visibilidade ao publicar semanalmente na imprensa. “Na minha vida, a amizade sempre foi uma coisa fundamental e nesse ingresso na crônica jornalística também”, aponta. A entrada de Vitória Lima na imprensa revela um ponto de vista analítico sobre o cotidiano, a partir do olhar poético e literário.

Dessa forma, consideramos que o jornalismo paraibano destaca literatos, ao dar espaço para que estes expressem suas reflexões e inquietações publicamente. Assim, tanto poetas, como cronistas, como articulistas e jornalistas conversam entre si neste lugar de significação. Segundo ela, este é um importante cenário no jornalismo local, o qual ela se sente pertencente.

O jornalismo paraibano tem algumas figuras que despontam. Tivemos a morte de duas pessoas muito importantes para o jornalismo que foi Lourdinha Luna, que além de escritora era jornalista e historiadora, e Biu Ramos, que era uma figura chave dentro do panorama local. Mesmo assim, é um quadro muito fértil, pois a Paraíba sempre está produzindo escritores importantes dentro do jornalismo. Temos um cenário pequeno, então quem faz alguma coisa sempre aparece muito. Eu acho muito engraçado que quando se procura identificar uma pessoa, se diz ‘poeta e escritor’. Mas o jornalista é um escritor, né? Se ele escreve todos os dias para um jornal ele se torna um escritor. Talvez, assim, não tenha uma preocupação artística com a produção literária, estética, mas é como um poeta. Um poeta também é um escritor e o que ele escreve é para ser publicado, então, todos somos escritores (ROCHA, 2018).

Em sua trajetória como escritora e poetisa, se estabeleceu como cronista com a publicação semanal no jornal *A União*. Além disso, traçou sua trajetória na literatura, ao publicar dois livros de poesia, *Anos Bissexto* (1997) e *Fúcsia* (2007).

Também participou de várias antologias poéticas e de crônicas, como *Nordestes* (1999), organizado pela Fundação Joaquim Nabuco/SESC-SP, *Estação Recife - Coletânea Poética 3* (2004) e *Coletânea Antônio Maria de Crônicas* (2010), lançado pela Prefeitura do Recife. Participou também dos livros *Autores Paraibanos – Poesia* (2005), publicado pela Editora Grafset, e *Imagem Passa Palavra – Poesia* (2004), da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, de Portugal.

Vitória Lima busca inspiração para os textos a partir de suas descobertas no cotidiano e de sua imersão em conteúdos artísticos, como a pintura e o cinema. Suas reflexões advêm de fatos que chamam a atenção, que se articulam às memórias e ao conhecimento em favor de sua escrita. “Uma coisa que permeia muito a minha escrita é a apreciação de livros e de filmes, mas não é só isso”, como exemplifica.

A minha escrita é bem livre, mas existe sempre um olhar poético, e, claro, essa visão poética é aflorada pelos temas que me tocam mais profundamente. Questões relativas à mulher, por exemplo, o assassinato da Marielle Franco foi uma coisa que me tocou muito, quer dizer, uma mulher de periferia, negra, lésbica, que lutou bravamente para chegar onde estava, e quando ela chega lá e começa a exercer aquilo que lhe era proposto, é assassinada. Então, é uma coisa trágica. A trajetória da mulher na direção do seu sonho, muitas vezes, é interrompida tragicamente, e isso é uma coisa que me toca profundamente e é quando esse poético aflora mais (ROCHA, 2018).

Os temas abordados na crônica semanal são previamente escolhidos no decorrer da semana, onde o fluxo dos acontecimentos vai, aos poucos, impactando o cotidiano da escritora. Através dos jornais e da internet, realiza uma leitura dos fatos que são compilados e, aos domingos, a crônica é escrita. “Mesmo sem ser um tema muito pessoal, você acaba colocando lá sua experiência de mundo, como uma narrativa de si, mesmo que não esteja exposto, explícito”, confirma. É como observamos no texto *Jornal de Domingo*, publicado em 22 de fevereiro de 2017.

Começo pela crônica de Martinho Moreira Franco, que me fez viajar à já longínqua adolescência. Nasci no Recife, em meados dos anos 1940, mas minha família logo mudou-se para Campina Grande, na Paraíba, onde meu pai foi trabalhar. Mas meus pais não nasceram nem na Paraíba nem em Pernambuco. Ambas as famílias eram oriundas de Alagoas. Meus tios e avós maternos ainda moravam em Maceió e era para lá que debandávamos nas férias de fim de ano, Semana Santa, ou nos feriados mais longos. Tínhamos saudades do mar e da comidinha que minha avó invariavelmente mandava preparar para nós [...] que, na época, não tínhamos acesso em Campina Grande [...] (ROCHA, 2017).

Um dos critérios de seleção temática, além de chamar sua atenção, envolvem temas que tocam o feminino. Este é um assunto que Vitória Lima se aprofundou durante a carreira de professora de literatura. “A crônica representa um registro do cotidiano, não só da cidade, mas até em termos mais amplos. É falar de si, falar do outro também”, afirma.

Esta escrita se movimenta, em interlocução constante com a poesia e a crítica literária. Vitória Lima usa os sentidos para resgatar lembranças, ao passo que traz informação do campo das artes e interpreta o cotidiano. É uma prática de tecer o presente, contextualizando, a todo o momento, o mundo ao seu redor, como exemplificada na crônica *A mulher e a guerra*, de 25 de outubro de 2017.

[...] O cinema e a literatura já nos apresentam milhares de relatos desta ordem, mas nunca fomos colocados diante do exército de mulheres guerreiras na contemporaneidade. A não ser no mundo maravilhoso dos *comics*. Mulheres comuns, sem superpoderes, nem transvestidas de homens (como é o caso de Joana D’Arc). Aqui no Brasil temos uma Maria Quitéria, uma Anita Garibaldi, ou uma Maria Bonita, mas essas são figuras isoladas na história que se destacam pelo inusitado de seus papéis. Os relatos que conhecemos são assim isolados e raros. Ou então, há aquelas fugiras

míticas da história universal, como as amazonas, cuja própria existência é questionada pela História e permaneceram no plano do extraordinário, do fantástico porque desmentem tudo que foi convencionado como sendo próprio da natureza feminina (ROCHA, 2017).

A sua crônica aborda, principalmente, o lugar da mulher na sociedade, mas também a cidade, o bairro de Miramar e as Artes, como o cinema e a literatura inglesa e norte-americana e obras de grandes literatas, como George Eliot (Mary Ann Evans) e George Sand (Amandine Aurore Lucile Dupin), pintores e músicos. Mas além disso, fala como cidadã, e debate sobre política, sobre o trânsito e sobre a história das pessoas. “A vida lá fora sempre provocava a vida aqui dentro”, reflete.

Enquanto professora, fui muito mais influente, mas quero ter um público para dialogar, sabe? Acho que o jornal me dá isso, a oportunidade de colocar minhas ideias em movimento. As minhas ideias, minhas convicções, não só literárias, mas políticas também. E, claro, o feminismo foi quem me abriu essas portas. Me vejo sempre como formadora, seja como formadora de leitor, de cinéfilos ou comentarista política, às vezes, porque só aceitei participar desse lugar no jornal porque me disseram ‘pode falar sobre qualquer coisa’ (ROCHA, 2018).

Para Vitória Lima, a crônica precisa ter alguns requisitos para ser publicada. Ter uma realidade pulsante, um português impecável e manter como foco os “mestres” da literatura local são alguns deles. A escritora menciona Gonzaga Rodrigues, Joana Belarmino e Albiege Fernandes, como personalidades inspiradoras. Outra inspiração para os textos, como menciona, são seus amigos: “Os amigos sempre me servem de inspiração. Já escrevi sobre Ana Adelaide, sobre Clotilde Tavares. São amigas que entram na minha pauta”, como vemos em *Carta aberta a Ana AD*, de 09 de agosto de 2017:

Ô, Ana, eu estava tão quieta, tão acomodada no meu canto aí vem você e me apresenta esse tal de Antônio Zambujo [...] que canta as mais lindas melodias de Chico Buarque e fico toda sobressaltada, com o coração aos pulos. Todo gelo dos Andes que o encobria derreteu como por encanto e voltei a sentir todos os calores, tremores, sabores que não sentia nem pressentia há mais de 10 anos! Mesmo assim, sobressaltada, com o coração aos pulos, amei o CD (“Até pensei que fosse minha”) que você me trouxe com tanto carinho e cuidado (ROCHA, 2017).

A relação da cronista com seus leitores é algo mais intimista. Costuma receber *feedbacks* dos seus textos por telefone ou *e-mail*. Este fato está relacionado à sua pouca atuação nas redes sociais digitais que, nesse sentido, têm um papel fundamental para a disseminação do conteúdo publicado no jornal e aproximação com o público. Neste caso, Vitória Lima, não as utiliza com frequência, já que raramente compartilha sua escrita neste espaço.

A entrada da escritora na imprensa local, a consequente visibilidade e a sua relevância neste cenário, concederam-na algumas oportunidades no campo profissional. Uma delas foi o convite para participar do Conselho de Cultura do Estado da Paraíba, o que para Vitória Lima foi um momento de prestígio. Este acontecimento expressou a sua responsabilidade como cronista e a destacou como membro da elite intelectual paraibana.

Atuei no Conselho de Cultura do Estado por alguns anos e pedi para sair porque fui indicada como representante da UEPB. Me aposentei e achei que deveria sair e deixar o lugar para outras pessoas que estivessem atuando dentro da UEPB. Acho que isso esteve ligado ao fato de eu ter um espaço no jornal (ROCHA, 2018).

Apesar de encarar esta prática como uma atividade efêmera, o seu trabalho na imprensa e na literatura paraibana é singular. Reconhece

que se surpreende ao pensar no lugar que ocupa hoje no jornalismo paraibano. Através de sua percepção da realidade, baseada em suas vivências, pluraliza o entendimento do seu cotidiano feminino: o ontem e o hoje emergem em suas palavras.

Acho que fui pega de surpresa mesmo. Entrei sem saber muito do meu futuro como escritora e quando me vi, estava lá dentro. Acredito que a crônica é mais permanente, apesar de ser esporádico. Não tenho publicações científicas, pesquisas e coisa e tal, mas as pessoas de fora sempre me sugerem reunir as crônicas em livro. Não sei se é uma coisa a ser pensada, porque a crônica, a característica dela é a fragilidade do tempo, elas são passageiras. Não sei se gostaria de fixá-las em um livro. Talvez depois alguém se dê esse trabalho (ROCHA, 2018).

A imprensa paraibana se tornou um berço da escrita feminina, onde mulheres ascendem para a prática literária, seja no jornal ou nos livros. Estas escritoras se tornam verdadeiras inspirações e exemplos de poetisas, cronistas, romancistas, críticas literárias e colunistas. Seja nas páginas dos jornais, em *blogs* ou em redes sociais digitais, onde avançam para tornar a sua escrita uma obra pública.

Há um fortalecimento e unidade entre mulheres escritoras na Paraíba, cujo movimento vem ganhando aderência em todo o Brasil. Criado por Maria Valéria Rezende, o Mulherio das Letras, vem se consolidando como o maior grupo de mulheres escritoras do mundo. Vitória Lima e as cronistas aqui apresentadas são participantes deste coletivo. Este movimento é retratado na crônica *O Mulherio das Letras*, de 18 de outubro de 2017.

[...] Dou início a este meu registro do Mulherio das Letras, (pessoal e intransferível) que aconteceu entre os dias 12 e 15 de outubro, nesta cidade, congregando em torno de 500 mulheres, entre romancistas, poetisas, cronistas, contistas, jornalistas, *blogueiras*, quadristas, professoras, artistas plásticas, que cir-

culam pelas letras e pelas artes de todo o Brasil. Um momento muito importante para ensinar oportunidade e visibilidade a quem já a tem e a outras que estão buscando seu espaço neste universo tão múltiplo e vário e, também, porque não dizer, às vezes tão excludente. O advento da *internet* democratizou muito a publicação de livros, mas ainda se pena muito para chegar ao público que se quer atingir e um encontro como este é uma janela escancarada para o Brasil e para o mundo [...] (ROCHA, 2017).

Assim, as escritoras instituem um lugar de representação de gênero não somente nos jornais, mas na esfera pública, dialogando sobre a presença das mulheres no âmbito social. Elas produzem novos discursos, a partir de uma representação positiva das mulheres nessa literatura em movimento.

Portanto, podemos dizer que a prática social da escrita foi, é e ainda será, para as mulheres, e outros grupos subvalorizados, um mecanismo de produção de conhecimento. A escrita foi e é uma ferramenta para transpor os discursos dominantes e uma fonte histórica das narrativas do passado, que contribuem para a manutenção de uma memória do cotidiano, do feminino e das sociedades.

Vitória Lima conclui refletindo sobre a importância da escrita de sua experiência de mundo, referenciando a precursora desta longa trajetória feminina, que finalmente, traduz toda esta prática social discutida neste trabalho:

Tenho uma citaçãozinha de Anayde Beiriz [a primeira escritora publicada na imprensa paraibana], na minha cabeceira. É uma reprodução de uma fala dela diz: '*Eu escrevo para criar um mundo onde eu possa viver*'. Acho que é isso que todos nós que escrevemos, fazemos. Escrevemos para criar um mundo em que possamos viver (ROCHA, 2018).

---

## Considerações

No decorrer desta pesquisa, tive a satisfação de descobrir a história de escritoras paraibanas, por muitas vezes invisibilizadas na imprensa. Elas se constituem como importantes personalidades dentro deste cenário cultural, que é plural e especializado. Conhecer a atuação de Ana Adelaide Peixoto, Joana Belarmino e Vitória Lima possibilitou o reconhecimento das trajetórias de vida, cuja compreensão se tornou possível graças à escrita no jornalismo local.

Percebemos o quão relevante a crônica se tornou para a descrição dos acontecimentos da vida cotidiana, que neste caso, revelou a história das mulheres ao longo dos séculos. As escritoras, nesse contexto, se tornam mais do que interpretadoras do cotidiano. Elas emergem como atuantes em um mundo onde elas mesmas precisam ser interpretadas e compreendidas, não por um discurso dominante, mas por esta escrita de si, cujo saber as posicionou na sociedade.

Esse lugar na imprensa destacou nomes de mulheres, muitas vezes desconhecidas no meio jornalístico. Em sua maioria professoras, médicas, advogadas, entre outras, atuantes desde o século XIX, de quando datam os primeiros registros. Os discursos dessa produção perpassam por temáticas que fazem parte da vida das escritoras, e por isso, são relevantes nesse processo de compreensão social.

Cada escritora tem sua identidade literária e seu *modus operandi*, mas conversam entre si, através da experiência do ser mulher. São pessoas posicionadas em um mesmo lugar, em uma mesma classe social, mas com formações culturais distintas. Para além da crônica, a constituição de um lugar de legitimação e quebra de paradigmas foi possível, e ainda é, graças a esta escrita, que irrompe as barreiras (e classes) sociais.

A representatividade do feminino é, sem medidas, importante para a validação dessa escrita, onde mulheres no Brasil, e aqui na Paraíba, se destacaram. A relevância dessa atividade, na concepção em que a pesquisa se situa, está justamente sobre os resultados dessa

produção textual. Ao interpretarmos esta história escrita pelas mulheres, observamos as transformações e a articulação feminina no meio social. É disso que se trata a escrita feminina abordada neste texto: uma prática feita pelas mulheres ao longo dos séculos na imprensa, que resultou em não apenas na escrita da história e do cotidiano, pela sua percepção subjetiva, mas também a escrita de si mesmas.

Assim, podemos afirmar que a compreensão das crônicas não pode se dar de maneira objetiva e isolada. Consideramos que entender cada trajetória de vida na imprensa é importante para compreendermos como as escritoras se articulam mediante aos acontecimentos. Esse processo de conexão simbólica se torna indicador para o desenvolvimento de sistemas e ordens subjetivos, aqui estudados, capazes de modificar os sentidos sociais no “mundo da vida”.

Na imprensa, as mulheres pluralizam as visões sobre o cotidiano, a partir de seus próprios códigos e símbolos e se tornaram protagonistas de sua trajetória, narrada nos jornais. Dessa forma, fortaleceram os discursos femininos nos espaços públicos, revelando, sob um aspecto crítico da realidade e sua conexão com os acontecimentos do cotidiano. Assim, graças a este trabalho, podemos perceber como esse caminho foi percorrido, facilitando o entendimento do contexto onde a crônica feminina paraibana passa a existir.

---

## Referências

ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Cad. Pesqui. [online]. 2002, n.117, pp.127-147. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>. Acesso em: 08 ago. 2019.

AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos. **Mulheres em pauta**: gênero e violência na agenda midiática. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico; CHATEAUBRIAND, Antônio da Fonseca Assis (Orgs.). **Pequeno dicionário dos escritores jornalistas da Paraíba do século XIX**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/pequeno\\_d.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/pequeno_d.pdf). Acesso em: 08 ago. 2018.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. **Características da crônica paraibana**. [Entrevista em profundidade concedida a Maryellen Bădărașu]. João Pessoa-PB, jun. 2018.

BERNARDO, Ana Maria Coutinho. **Gênero, história e educação na Paraíba**: memórias de professoras e escritoras do início do século XX. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2018.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

CASADEI, Eliza Bachega. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX.

**Revista ALTERJOR:** Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). Ano 02, v.1, 3ed. – jan-jun. 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alvez. Revisão de Luce Giard. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHAPARRO, Carlos Manuel. **Sotaques d'aquém e d'além mar:** travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

CORDE, Marine Lila. A articulação entre a objetividade e subjetividade nos textos antropológicos: contribuições da escrita literária para a construção dos saberes antropológicos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.44, n.2, jul-dez. 2013, p. 12-30. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/download/841/818>. Acesso em: nov. 2018.

COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura.** Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares Ltda., v.3, 1967.

COUTINHO, Iluska. **Colunismo e Poder:** representação nas páginas dos jornais. LABCom, 2007. Dissertação. Disponível em: [www.labcom.ubi.pt](http://www.labcom.ubi.pt). Acesso em: 08 ago. 2019.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** ORG. São Paulo: Editora Atlas, 2006. 2ed.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). **Comunicação e gênero:** a aventura da pesquisa. Porto Alegre: edPUCRS, 2008.

FERNANDES, Jéssica Luana; SILVA, Shirley Targino. Mulher, imprensa e educação na Paraíba da década de 1930. **Anais [...]** Congresso Brasileiro de História da Educação, 9. João Pessoa – Universidade Federal da Paraíba – 15 a 18 de agosto de 2017.

FIGUEIRAS, Rita. As mulheres comentadoras na imprensa de referência portuguesa. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2011.

FLORES, Rosali Cristofoli. **Acervo memorial dos acadêmicos da Academia Paraibana de Letras**: conhecimento para a preservação. João Pessoa: UFPB, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4. ed. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, ano 63, n. 3, jul./set. 1969, p. 73-104. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/179076/mod\\_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/179076/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf). Acesso em 27 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**. N.19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escritas de si, escritas da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOTTARDI, Ana Maria. **A crônica na mídia impressa**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

GUEDES, Viviane Marques. A construção da cultura no cotidiano do jornalismo impresso de João Pessoa. In: PEREIRA, Wellington (org.). **Epistemologias do caderno B**. João Pessoa: Manufatura, 2016.

JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX.

**Cadernos Pagu**, n. 38, jan/jun. 2012, p. 367-394. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n38/n38a13.pdf>. Acesso em: 11 maio 2018.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**. 29(1): 27-43, jan-jul. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417/14743> . Acesso em nov. 2018.

MAGALHÃES, Sara; ALVAREZ, Teresa (Orgs.). **Mulheres e Media**.

Lisboa: Associação portuguesa de estudos sobre as mulheres, 2014.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **A Dimensão da Palavra:**

práticas de escrita de mulheres. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

MATOS, Maria Zilda dos Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas.

**Mandrágora**, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15.

MEDEIROS, Vanise Gomes de. Discurso cronístico: uma “falha no ritual” jornalístico.

**Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão. v. 4, p. 93-118, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: Narrativa e cotidiano.

2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**.

Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada da imprensa das mulheres do século XIX. **Revista Estudos Feministas**: Florianópolis, v. 11, n. 1, p.

315-336, jan-jun., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720>. Acesso em: 07 ago. 2018.

NASCIMENTO, Flávia Lopes Sales do. **Lirismo e Nostalgia**: Gonzaga Rodrigues, Filipéia e Outras Saudades. UFPB, João Pessoa, 2013.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. **Escrever/Inscrever-se**: Práticas de (Re) criação de si nos escritos femininos na Paraíba na década de 1930. Campina Grande: Congresso Nacional de Educação, UFCG, 2013.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Uma página Feminina**: escritos para a educação das mulheres paraibanas (década de 1930). Revista HISTEDBR On-line, v. 1, p. 189-206, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640177/7736>> Acesso em: 08 Ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Sobre a pesquisa dos escritos femininos paraibanos**. Universidade Federal da Paraíba, Programa Espaço Experimental, 14 Ago 2016. Entrevista concedida ao Programa Laboratório de Radiojornalismo “Espaço Experimental”. Disponível em: <<http://espacoexperimental.blogspot.com.br/2016/08/pesquisa-faz-levantamento-de-escritos.html>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

PAIVA, Kelen Benfenatti; DUARTE, Constância Lima. **A mulher de letras**: nos rastros de uma história. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009.

PEIXOTO, Ana Adelaide. **Trajetória, escritas de si e cotidiano**. [Entrevista em profundidade concedida a Maryellen Bãdãrãu]. João Pessoa-PB, 12 jun. 2018.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. A crônica feminina brasileira no século XIX. **Fazendo gênero 9**: Diásporas, Diversidades e Deslocamentos. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

PEREIRA, Wellington. **Crônica**: Arte do útil ou do fútil? Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. João Pessoa: Idéia, 1994.

PEREIRA, Wellington. A Comunicação e a cultura no cotidiano. **Revista FAMECOS**, 2007.

PEREIRA, Wellington. A inscrição do cotidiano no jornalismo impresso (o artesanato da pesquisa). **Revista Culturas Midiáticas**. Programa de Pós-graduação em Comunicação. UFPB: João Pessoa. Ano II, n. 02, jul-dez. 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Leitoras e interlocutoras da literatura oitocentista**: literatura e gênero no Jornal das Famílias (1863-1878). São Paulo: Edigal, 2010.

PRIORE, Mary Del. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto 7. ed., 2004.

ROCHA, Maria das Vitórias Lima. **Trajetória, escritas de si e cotidiano**. [Entrevista em profundidade concedida a Maryellen Bãdãrau]. João Pessoa, 01 ago. 2018.

ROTKER, Susana. **La Investigación de la Crónica**. México: FCE, Fundación para un Nuevo Periodismo Iberoamericano, 2005.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ed. Ática, 1985. Col. Princípios.

SALES, Ana Maria Coutinho. **Tecendo fios de liberdade**: Escritoras e professoras da Paraíba do começo do Século XX. 2005. 274 f. Tese (Doutorado em Letras), Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SANT'ANNA, Mônica. A escrita feminina e suas implicações: a recorrência do corpo como signo de identidade. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, a. 2, n. 2, 2006. Disponível

em: <file:///C:/Users/Note/Downloads/3437-5572-1-PB.pdf> Acesso em: 24 out 2018.

SAVIETTO, Daniele. **Mulheres e Mídia Global**: Uma análise internacional da perspectiva das mulheres sobre suas representações midiáticas. Dissertação. Universidade de Coimbra, 2015.

SILVA, Sônia Maria Cândido. **A Crônica dos jornais paraibanos do século XIX-XX**: um processo discursivo da linguagem em ação na província da Parahyba. João Pessoa: UFPB, 2009.

SILVEIRINHA, Maria João. **As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística**: contributos para a não-ossificação da história do jornalismo. Coimbra: Comunicação e sociedade, v. 21, 2012.

SIMON, Luiz Carlos Santos. **Os cronistas e as mulheres na segunda metade do século XX**. Terra Roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários: UEL, 2006. v.7, p.61-71.

SOUSA, Joana Belarmino de. **Trajetória, escritas de si e cotidiano**. [Entrevista em profundidade concedida a Maryellen Bãdãrau]. João Pessoa-PB, 02 jun. 2018.

SOUZA, Thiago Oliveira de; CURY, Cláudia Engler. **Considerações sobre a instrução na imprensa paraibana oitocentista (1849-1889)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH · São Paulo, julho 2011.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres**. Universidade Federal da Grande Dourados: Raído, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016. Disponível em: [ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/download/5217/273](https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/download/5217/273). Acesso em: 29 out. 2018.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do Cotidiano**: introdução à constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC: Passo Fundo. UPF, 2003.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da Guerilha à Imprensa**: A construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980). São Paulo: Editora Intermeios, 2013. (Coletânea Entregêneros).

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. Ed – Petrópoles: Vozes, 2011.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. **Gênero, Poder e Resistência**: As mulheres nas indústrias culturais em 11 países. Tese. Recife: UFPE, 2013.

VENTURA, Isabel. A entrada das mulheres nas redações portuguesas: uma revolução antes da revolução?: MAGALHÃES, Sara. ALVAREZ, Teresa (org.). **Mulheres e Média**. Lisboa: Associação portuguesa de estudos sobre as mulheres, 2014.

VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. O conceito de literatura nos periódicos e jornais do século XIX: um estudo dos jornais paraibanos. Rio de Janeiro: **X Encontro Regional da Abralic**, 2005. Disponível em:<<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos.html>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

---

## Sobre as autoras

**Maryellen Bãdãrão** é pernambucana de nascimento, mas paraibana de coração. É jornalista, formada pela Universidade Federal da Paraíba (2016) e Mestra em Comunicação pela mesma universidade (2019). Desenvolveu pesquisas sobre a escrita feminina na imprensa paraibana em sua atuação nesse espaço acadêmico. Além disso, participou de outras investigações científicas no âmbito do jornalismo, que resultou nas obras “Magistrados & Arte Musical: Perfis” (2019), “Comunicação, Mídia e Imaginário: Diálogos Contemporâneos” (2017) e “Jornalismo em Ambientes Multiplataforma” (2016), projetos desenvolvidos pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB.

**Sandra Raquew Azevêdo** é Professora Associada da Universidade Federal da Paraíba. Atua no Departamento de Jornalismo e no Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPB. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2009). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (1997). Especialista e Mestre em Educação (UFPB, 2004). Áreas de atuação: Jornalismo, Mídia-Educação; Estudos de Gênero e Mídia. Autora dos livros Perfis em Jornalismo Cultural (2014); Mulheres em Pauta: gênero e violência na agenda midiática (2011); Cartografias: escritos sobre mídia, cultura e sociedade (2008) e Gênero, Rádio e Educomunicação: caminhos entrelaçados (2005), publicados pela Editora da UFPB. Integra os grupos de pesquisa sobre Comunicação Comunitária e Mídia Local e Coordena o OBJOR SEMIÁRIDO - Grupo de Pesquisa e Projetos Especiais em Jornalismo. Colabora com a Revista Ártemis (UFPB) e a Revista Mídia e Cotidiano (Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense). Desenvolve e orienta projetos de pesquisa nas seguintes áreas: Jornalismo; Mulheres nas Mídia e Tecnologias da Informação e Comunicação; Comunicação e Cidadania no Semiárido Brasileiro.



Este livro foi diagramado  
pela Editora UFPB em 2020,  
utilizando a fonte Montserrat.

